

**Tereré,
poeira
e outras raízes
douradenses**

LUÍS CARLOS LUCIANO

**Tereré,
poeira
e outras raízes
douradenses**



Dourados - MS

1ª Edição

Copyright © 2015 by Luís Carlos Luciano

Capa e Designer Gráfico
LUCIANO SERAFIM

Conselho Editorial
ANDRÉ MARTINS BARBOSA
ATHAYDE NERY DE FREITAS JR.
BRÍGIDO IBANHEZ
CARLOS MAGNO MIERES AMARILHA
EDY SÁLIS LEITE

Coordenador Executivo
NICANOR COELHO

Foto da Capa
PAULO YUJI TAKARADA

Foto do Autor (Orelha)
APARECIDO FROTA

ISBN 978-85-65203-07-4
1ª Edição: 2015

Todos os direitos desta edição reservados por



CNPJ 02.475.203/0001-60
Rua Onofre Pereira de Matos, 1938 Fundos - Casa 01
Centro - Dourados - MS
CEP 79802-010
Telefones: (67) 8449-4898 e 9625-8102
grupoliterarioarandu@gmail.com
www.grupoliterarioarandu.com.br

Nota do autor

As crônicas foram editadas. Algumas foram publicadas em 20 de dezembro de 2000 do Jornal O Progresso; entre 2002 e 2004 no Diário MS na seção "Coçando o Verbo"; em 2005 voltaram a ser publicadas em O Progresso e no site douradosnews; em 2008 na Folha de Dourados e depois disso deixaram de ter circulação semanal. A versão original está disponível no site www.luiscarlosluciano.com.br

*Para todas as pessoas
que criaram raízes em Dourados
e com o fruto do seu trabalho
a transformaram
em cidade multicultural.*



Sumário

Apresentação	11
--------------------	----

TERERÉ, POEIRA E OUTRAS RAÍZES DOURADENSES

O Cine Ouro Verde	15
O homem biscoito	19
O trono do engraxate	21
A pescaria tranchã	23
Nos tempos do telex.....	25
O Rosinha	27
A festa no telhado	29
O tombo do doutor	31
Vaca Branca	33
A coluna quase perfeita	35
A mesa vazia	37
Quarta-feira das mães	41
As máquinas e a ferrugem	43
Eu sobrevivi.....	45
Conversando com o Presidente Vargas	47
O ataque das cornetinhas	49
Que “peichoperia”	51
Devolve o bode!	53
O sino da escola	55

A simulação	59
Soneca gostosa	61
Putz grilo! Que bigodão!	63
Uma comadre por telefone	65
O gari e a independência	69
Dois caipiras na Capital	73
O que o medo não faz... ..	75
No Douradilho	77
Êta coceirinha go\$to\$a!	79
Causo natalino	81
Os olhos do desbunde	83
Este sabe ganhar no grito	85
Dois patinhos na lagoa.....	87
Um doce para o “furmiga”	91
O padre e o guri	93
O Zé Pretinho	97
O Corcunda da Rua Bahia	99
Fuscachambó e trupe procuram o fio da meada	101
O afresco do Gil das Trevas	105
A visita do governador	107
A peita.....	111
América	115
Um ermitão no Jabá Fé\$t.....	117
Gabiruzada	121
Carta a um corrupto	123
O livro quase mesto	127
O anão.....	129
Ervalina	131
As comissões.....	135

O dedo em riste	137
O motorista invisível	139
Chamem o orangotango!	141
José Psicosedin	145
A face utópica de um balanço	147
Deus! Olhe por nós...	149
A formiguinha preguiçosa	153
Alguém quer um puxa-saco?	155
Quem tem medo da CPI?	157
A Goreti	159
O sapato que deixou	161
o homem descalço Pequena trovoadas	163
O senhor ninguém	165
Para-brisa apaixonado	167
O Varti e a galinha	169
Cartinha de criança	171
O jogo do bicho	173
Questão de gosto não se discute	175
A nossa Emília	179
O cachorro perdido	181
Futebol com terra	183
Rapadura com banana	185
Pra ti, leitor.....	187



Apresentação

Em tempos de lama, poeira e de sonhos indolentes Luís Carlos Luciano aportou em Dourados. Dai vieram os filhos, novos sonhos, o asfalto e as construções de novos dias numa ensolarada Dourados, até então uma Nau repleta de navegantes de todos os quadrantes.

O tempo passou e Luciano forjou na lida das letras. Juntou tantas letras, tantas frases, tantos parágrafos que com os seus textos testemunhou décadas cheias de lágrimas, sorrisos e alaridos de um povo que soube se construir da miscelânea de vários sangues vindos de vários territórios.

Hoje, um jornalista consolidado, um escriba dado a testar novas construções linguísticas, Luís, assim como Drummond vaticinou e foi ser “gauche” na vida. Hoje um escritor de cabeça feita e com uma carreira forjada nas histórias cotidianas, nosso escritor e jornalista nos presenteia com *Terere, poeira e outras raízes douradenses*, um livro que reforça a cultura e a literatura da nossa urbe e nos prova que é possível fazer literatura de qualidade com a matéria-prima da nossa terra vermelha, com os novos lugares, com nossos cheiros, com nossas visões e sentimentos contraditórios.

A poeira, a lama e os sonhos insolentes antes indolentes, transformaram-se numa casa de João-de-Barro com uma trama mesclada em todos os povos, em todas as raças e em todas as cores que formaram esta cidade que em 2015 chega aos seus oitenta anos de existência tão forte quanto as teias presas aos velhos telhados das mentes que

armazenam os ingredientes que resultaram neste caldeirão de culturas na terra de Marcelino Pires e tantos outros marcelinos anônimos.

Está de parabéns nosso escritor e jornalista Luis Carlos Luciano por mais este livro. Está em pleno gozo nossa população eu ganha um livro gostoso de se devorar. Está de parabéns nossa Dourados que faz oitenta anos, como uma criança a brincar na chuva fazendo melecas com nosso barro que ainda continua vermelho – poeira que ainda não se assentou.

Nicanor Coelho

Da Academia Douradense de Letras





O Cine Ouro Verde

Numa sexta-feira, num bar no centro da cidade, ficamos vendo, estupefatos, a demolição do telhado do antigo Cine Ouro Verde.

12 mil telhas de barro destruídas a marretadas!

Atravessamos a rua para ver o estrago.

Que desperdício, não só material, mas histórico!

A cobertura ainda estava boa, além do forro.

Será que tinha goteira?

Algun técnico de fora olhou, não gostou e mandou destruir tudo!

O prédio tinha acabado de passar para as mãos de uma rede.

Perguntei aos operários se tinha sobrado alguma telha inteira em meio ao monte de entulho.

Consegui três delas e os amigos outras três, todas de Barra Bonita (SP).

Aquela cena triste fez passar um filminho na cabecinha aqui relembrando os bons tempos do Ouro Verde na década de 80.

Namóricos, paqueras, namoros de verdade, mãos bobas, filmes bons, péssimos, o Bang Bang, o Tarzan, os proibidos para menores de 18 anos, as cenas de sexo...

Mas inesquecível era aquilo que estava do lado de cá da telona, ou melhor, a mão nada boba e atrevida de ambos os lados...

Arrepios, afagos, peles macias, belas saliências, boquinhas doces, gosto de hortelã, de caramelo, saias curtas, o chega-para-lá...

Uáu!

Bem que o padre dissera certa vez num sermão que se peito de mulher fosse buzina ninguém dormia nesta cidade!

Brigas, rufiões, as garotas esbofeteando os avançadinhos no escurinho, as traições descobertas, beijos desentupidores e selinhos, pipoca jogada na cabeça dos outros, bombinhas juninas lançadas ao léu, festivais, apresentações e o Sivuca sendo vaiado...

O prédio teria sido construído em 1958.

O telhado foi derrubado em março de 2005.

Talvez as aranhas nem tivessem tempo pra fugir...

Será que as telhas poderiam ser reaproveitadas?

Dariam para cobrir pelo menos 12 casas populares.

E eram da melhor qualidade!

Restou-nos o valor sentimental das poucas telhas remanescentes e aquele cheirinho de poeira envelhecida por meio século e os momentos picantes...

Além do telhado, o cinema acabou.

Mais um pedaço da história sucumbiu diante dos próprios olhos, sob as barbas do profeta ou à sombra de alguém importante...

Aquilo lá deveria ter sido tombado como patrimônio histórico e transformado num espaço cultural ou algo parecido. Ou não?

Temos que criar uma cidade imaginária pra gravar essas lembranças?

Pelo menos quem conheceu o local, apalpou, buzinou ou fez algo a mais naquele recinto mágico e sedutor talvez gostasse de manter viva aquela memória.

Muitas mãos bobas acabaram pondo alianças...

Conciliar o progresso com a preservação deveria ser obrigação assim como é pagar o IPTU.

Esse valor histórico pertencia à coletividade!

Instalou-se a estátua do ervateiro no centro (depois levada para outro lugar) e destruiu-se o telhado do Ouro Verde.

Alguém vê paradoxo nisso?

As minhas três telhas aguçaram lembranças deliciosas vividas naquele magnífico, opulento e gracioso castelo de sonhos.

Tudo muda inclusive a consciência pra pior e quase nada pra melhor quando se trata de preservação.

A memória sendo esquecida ou coberta por um manto de silêncio e interesse financeiro.

A alma douradense está se despedaçando em relação ao passado e cheia de dúvidas quanto ao futuro...

Será que, do Ouro Verde, só restaram mesmo lembranças das mãos bobas?



O homem biscoito

Em 8 de dezembro de 1944 teria havido uma briga feia em Dourados entre paraguaios e brasileiros.

Dizem que foram dados muitos tiros no centro e três pessoas morreram, incluindo o delegado.

Em frente da Praça Antônio João, na Rua Joaquim Teixeira Alves, existia uma casa onde morava uma senhora negra maneta muito distinta e conhecida, a dona Joana.

Ela fazia pães caseiros para vender.

Naquele dia da briga um sujeito, fugindo desesperadamente das balas entrou correndo na casa e foi se esconder onde?

Dentro do forno ainda meio quente!

Depois que a briga acabou ele ficou gritando por socorro porque entrou, mas não conseguia sair...

Ficou entalado...

Os homens que ouviram o grito se depararam com aquela cena grotesca e ao mesmo tempo desconcertante.

Tiveram que quebrar a boca do forno...

Naquilo chega dona Joana e passou a berrar:

— Seus *&#@&\$... Parem de quebrar o meu forno!

Tiraram o rapaz do apuro.

Mas não deixaram de tirar uma casquinha.

Apelidaram-no de “biscoito”.



O trono do engraxate

Uma cidade, segundo Ulisses Serra em *Camalotes e Guavirais*, não é feita apenas de prédios, ruas, edifícios, logradouros, estátuas e luminosos.

Há os populares oxigenando o cotidiano.

Nota-se apenas um engraxate na Marcelino resistindo ao tempo e às mudanças urbanas.

No alto de seus mais de 50 anos que entre uma lustrada e outra vê o movimento passar despreocupadamente sob a perspectiva de quem fica no pedestal do trono de madeira e rodinhas.

Ali ele conversa, joga dama, faz jogo do bicho, vende bilhetes de loteria, vê gente bonita e feia, tagarela e quando surge um freguês ele rapidamente bate a escova na caixa.

A cidade é um organismo que muda...

Hoje em dia não se vê mais engraxates por aqui, garotos tentando ganhar algum vintém honestamente.

— Tio! Vamos engraxar os sapatos, me ajuda com um trocado aí!
— era um bordão comum.

A lista de clientes inclui alguns bacanas que gostam de sentar no trono...

Eis uma das figuras folclóricas locais, uma pessoa humilde, risonha, de estatura pequena, contadora de piadas e que se diverte com a presepada alheia.

Ninguém mais quer ser engraxate na era do ZapZap.

Aqui já existiu um programa social da prefeitura através do qual se doava caixas de engraxate e kits para os garotos trabalharem nas férias escolares, dando-lhes uma ocupação para afastá-los de encrencas e das drogas.

Agora, ao que parece, só sobrou ele...



A pescaria tranchã

Há muitas histórias de pescarias.

A mentira e a verdade dançam juntas...

Em pleno domingo, antes do almoço, um amigo aborda o aprendiz de ermitão:

— Vamos pescar?

O aprendiz olha indeciso, mas não resistiu ao convite.

— Vamos ué, mas quem vai? Aonde vamos?

— Eu e mais dois amigos e o filho de um deles... Nós vamos aqui pertinho, no Rio Dourado...

O aprendiz de ermitão, faceiro, leva o frango assado pra casa, conta pra mulher sobre a pescaria e desperta nela o bicho...

Depois de ouvir #&%&=?><~*+” ele junta rapidinho suas coisas e zarpa para o ponto de encontro.

Ele gosta do mato, do rio, do bote, da pescaria em si, mas não sabe pescar. Nem vara tinha. Mas ele gosta mesmo é da farra...

Os amigos têm traia suficiente para iniciar um povoamento, desde motor estacionário a chuveiro de câmara de ar de caminhão.

O tempo foi curto para tanta cerveja. Mosquito era aperitivo...

Traquejados na coisa, os anfitriões comandaram a aventura e o aprendiz só vendo, com o pensando embebecido ao léu, mais ouvindo do que conversando...

Peixe que é bom ninguém conseguiu pegar.

Os minhocões e as iscas amanheceram dentro da água.

O saldo da pescaria foi dois tombos do aprendiz, um dos amigos com duas ferroadas de marimbondo na testa, os cascos vazios, uma ressaca dos diabos e mais uma aventura para se contar no Recanto.

Foi tranchã.

Dizem que a alma do homem pertence ao mato e não à cidade.

A pescaria boa não precisa ter peixes.

Basta ter bebida, causos ou então uma boa mentirinha...



Nos tempos do telex

O telex foi tão revolucionário para os jornais quanto os computadores e a internet hoje em dia.

Uma daquelas máquinas barulhentas e que funcionava dia e noite foi instalada na redação dum jornal local na década de 80 ou um pouco antes.

O diretor atém-se de curiosidade na máquina no final de uma tarde quando chegava uma mensagem.

No final, o emissor escreve o tradicional “by by”...

O diretor não se conteve e respondeu: “bebê uma ova, aqui quem fala é um velho de 70 anos, muito forte...”



O Rosinha

O Rosinha passou um apuro dia desses.

Ele tinha ido visitar um amigo preso.

Na recepção, o agente penitenciário pede a identidade.

O Rosinha entrega o RG e o agente checa os dados no computador e olha desconfiado para o documento.

O visitante começa a ficar preocupado:

— Algum problema com meu documento?

— Sim, tem um probleminha, vou consultar o superior...

O agente sai e se dirige a outra sala e retorna logo em seguida:

— O senhor pode entrar.. Ué, cadê o homem?

Ele não tinha conseguindo ver direito o número da identidade surrada, mas como cachorro mordido por cobra tem medo de língua, o Rosinha deu no pé antes com medo de ficar preso...



A festa no telhado

Jornalistas e bebida sempre foram bons companheiros.

Teve uma redação local que era turbinada a base de caipirinha.

Todos bebiam no fechamento da edição quando a diretoria tinha ido embora...

Foram anos assim.

A direção já tinha percebido a farra e proibiu a entrada de bebida alcoólica sob pena de demissão com justa causa.

Mas se esqueceram de um detalhe: estavam lidando com seres hipercriativos!

O que os olhos não enxergam o coração não sente...

Aquela restrição de nada adiantou.

Como mandariam embora toda a redação? Não tinha como...

Era só dar um jeitinho para a faxineira não encontrar os copos de caipirinhas nas lixeiras no dia seguinte, aqueles de plástico, grandes, enormes, com limão seco socado e um palito de 20 centímetros...

Santa ingenuidade!

Para não deixar vestígios ou se levava os copos para um lixo bem longe ou se fazia outra coisa.

Preferiram outra coisa: jogá-los no telhado do prédio!

Quem ia vê-los lá em cima? Só Dionísio...

Depois de anos a fio jogando cinco, seis e até dez copos por dia no telhado eis que um dia entupiu a calha...

Chamaram uma pessoa para resolver o problema e o sujeito

subiu no telhado sob os olhares atentos de um dos diretores do lado de baixo.

— Doutor, mas teve uma festa aqui em cima!

— Festa? Mas que festa? Como assim?...

— Está cheio de copos de caipirinha...

— Então joga tudo para baixo...

O diretor encostou uma picapinha da Fiat para que os copos fossem jogados dentro da carroceria.

Sob os olhares curiosos, pasmos e sorrisos discretos o despecho foi inusitado: encheu-se toda a carroceria só com copos contendo limão esturricado e palitos, palitos e mais palitos!

O diretor não se conteve não se sabe se foi tomado pela raiva, pela graça ou sabe-se lá o que e foi seco até o chefe de redação:

— Ok, vocês venceram! Podem beber, mas pelo amor de Deus! Não joguem mais copos no telhado!!!



O tombo do doutor

Teve um renomado advogado local já falecido que era dono de um time de futebol, o Cruzeiro do Sul.

Ele costumava, do lado de fora do campo, dar chutes a esmo, gesticular, berrar, se comunicando como podia com seus jogadores...

Antes de um jogo com o Operário, na Leda, começou a chover.

Quando chovia era impossível jogar na Leda por causa da lama. Grudava tudo... Então resolveram ir jogar na Colônia, em Indápolis, num campo gramado. E foram em cima de um caminhão, num ônibus, em carros...

Naqueles dias tinha chegado um baixinho paraguaio bom de bola como reforço do Operário.

Esse jogador não conhecia o doutor.

Durante um lance dois jogadores adversários se trombaram e caíram no chão...

Pronto...

Começou um tumulto...

O advogado estava do outro lado do campo e correu para o lado da briga para o deixa-disso...

Quando passava perto do baixinho esse jogador esticou a canela entre as pernas do doutor e o mesmo caiu deslizando a protuberância pelo gramado...

Caiu e ficou demorando um tempo para se recompor...

Ele não era de briga, só ia apartar.

Quando saia uma briga ele rapidamente intercedia e controlava os ânimos...

Mas naquele dia o baixinho pensou que o doutor ia ajudar a bater no companheiro de equipe...

O tumulto se desfez, acudiram o doutor.

O assunto mais falado em tom de troça foi o tombo do doutor..



Vaca Branca

Vaca Branca estava prestes a inaugurar um novo açougue e havia contratado o Tim para a pintura.

O serviço incluía o letreiro da fachada e um desenho bucólico de vacas, porcos e galinhas dentro de um cercado, tudo com tinta de primeira linha.

Vaca Branca pagou antecipado.

Em vez de comprar a tinta, a primeira coisa que o Tim foi fazer com o dinheiro foi uma festa regada a cerveja e churrasco...

Gastou mais da metade do dinheiro...

Não dava mais para comprar a tinta de primeira.

E agora?

Comprou cal...

O comerciante só entendia de carne mesmo, pensou.

No final ainda ficou faltando cal para o cercado com os animais, mas o proprietário disse que estava bom e podia ficar daquele jeito...

No dia da inauguração choveu e a cal escorreu deixando a fachada horrível...

Vaca Branca pega o revólver e vai à casa do pintor, furioso, soltando fogo pelas ventas...

— Mas que belo serviço o senhor fez, hein! Sumiram até as vacas, os porcos do desenho da parede...

Tentando se safar o tio Tim deu uma de Chaves: abaixou a cabeça e respondeu fininho:

— Mas eu disse que tinha que fazer o cercado senão os animais iam embora mesmo...



A coluna quase perfeita

Este é o tipo de situação onde se pode contar o milagre, mas não o santo.

Curiosa é a tal da coluna social, uma das seções mais vistas em qualquer jornal. Ela mexe com o ego, glamour, badalações, feitos bonitos, com a imagem elegante e não há espaço para o patinho feio nesse reino encantado.

Mas em Dourados um colunista “inovou” a seção e a falha teria passada despercebida não fosse o olhar atento de um gerente de padaria.

Os erros nos jornais obviamente que não podem ser encarados com naturalidade, mas eles acontecem...

Afinal, o homem é um imperfeito por natureza.

O dito colunista escalou o fotógrafo para uma festa de aniversário elegante de uma criança e dê-lhe clicar pra todo lado...

Dois dias depois lá estava imponente e florida a página com as fotos dos bacanas, quase todos com um sorriso de lagarto e um copo de uísque de boa qualidade em uma das mãos.

Tudo lindo, maravilhoso, impávido e colossal, não fosse um pequeno, mas importante detalhe: publicaram fotos de todos, bem, quase todos.

Esqueceram da aniversariante!

Na padaria o deslize do colunista virou piada...

Em meio a tanta gente importante simplesmente se esquece-

ram de registrar a pequena estrela e os parabéns...

Acabou de uma nova coluna ser publicada no dia seguinte, essa sim, com a aniversariante em posição de merecido destaque...



A mesa vazia

A mesa vazia no jardim de inverno quebra um pouco o aspecto meramente paisagístico do ambiente. Pelo menos sob a perspectiva do seu principal observador. Tulipas, bambus, trepadeiras e outras plantas ornamentais trazem muitas lembranças.

O que seria do passado sem as lembranças?

Um passado esquecido?

A mesa colocada ali para um restrito debate, uma entrevista, lembra cenas movimentadas. O tempo em que ela fica vazia aguça as recordações de momentos calorosos incendiados à base do vinho, da caipirinha ou da cerveja em dias quentes.

Aquele jardim de inverno não existia outrora e, se existisse, certamente jamais ficaria vazia, principalmente nos finais de tarde.

O observador com fios brancos de cabelo esparramando-se sobre a testa e alimentado pelos verões e pela abstinência, ousa apenas soltar uma tragada ou outra naquele jardim.

Da sua poltrona, o seu computador e a tevê onde acompanha o noticiário nacional, ele olha a mesa e a memória se enche de prosa, muitas brincadeiras e muitos debates políticos e ideológicos...

Quem não requeenta as peças pregadas pelo tempo não alcança a maturidade da consciência.

A mesa vazia é uma antítese.

Apenas uma camada de vidro divide os dois ambientes, mas um punhado de calendários coloca os pingos nos is.

Às vezes surge um bem-te-vi assustado que consegue adentrar ao jardim, encantado pelas flores, mas não consegue sair a não ser pela mão amiga do homem forte que mesmo com músculos e a coragem para catar cobras, tem a doçura de livrar um pássaro da arapuca de inverno.

O observador incomoda-se até mesmo em fumar seu cigarro no jardim porque a fumaça contraria não apenas os ambientes laterais, mas até as flores parecem torcer o nariz.

Sobra-lhe, como consolo, olhar, da sua sala, a mesa vazia.

As lembranças ajudam a animar o espírito, a encorajar a alma, a brincar com a consciência e a rever as situações. Quantos e quantos não olham para aquele jardim de inverno e a mesa vazia sem a mínima noção do tanto que eles instigam um passado muito alegre.

Podia ter seus erros, mas era muito alegre.

Era, talvez, como palhaço com a roupa rasgada indiferente ao detalhe pequenino para uns e grande para outros fazendo da alma uma tremenda emoção.

A mesa vazia contemporânea é branca.

A de antigamente, cheia, era marrom, amparo para Baco e instrumento de trabalho.

A velha máquina de escrever deu lugar ao computador, mas os dedos, o tino, o faro, a destreza, a esperteza, o raciocínio rápido, a liderança sutil e respeitosa sem ser servil, a humildade e a irreverência continuam os mesmos.

O tempo pode apagar corações e semear rugas, mas ele não consegue passar borrão sobre as lembranças. Deus pregou essa peça no tempo porque Ele não quis deixá-lo o senhor absoluto da razão.

Abaixo Dele, está o homem.

E o homem pensa naquela mesa vazia, naquele jardim chama-

do de inverno, mas que, pela vontade do tempo, enfrenta frio, chuva e Sol.

O observador olha de novo para o ambiente.

Quem sabe as lembranças se transformaram em flores e plantas que, a exemplo do pensamento, não param de crescer.

A mesa não está mais vazia.

Ela encheu-se de recordações circundadas pelo verde, vermelho, verde-claro, amarelo e alguns bem-te-vis visitando-a de vez em quando.

A mesa vazia, por mais que tente, não consegue fechar o riso, mesmo discreto, de seu observador predileto.



Quarta-feira das mães

O sujeito estava tranquilo no bar tomando uma antes do almoço quando chega um rapaz de bicicleta com a roupa surrada, pede uma pinga, senta ao lado e puxa conversa:

— Esse carro é seu?

O homem olha desconfiado e como nunca tinha visto o dito cujo responde secamente:

— É...

— Sabe o que acontece senhor... Eu trabalho ali no lava-rápido e estou precisando de um grande favor. A minha mulher teve alta no hospital esta manhã, ela ganhou neném, e eu pedi para o patrão emprestar o carro, mas ele respondeu que ia sair para fazer cobranças... Fui atrás de uns amigos e não consegui nada... O senhor pode me fazer esse favor? Depois eu lavo seu carro ou então vê quanto custa...

O homem ficou desconfiado, tentou desconversar, receoso se o rapaz falava a verdade ou se seria uma armadilha...

— Bem, eu não te conheço e tenho compromisso daqui a pouco...

— Eu entendo... Agradeço do mesmo jeito, mas o senhor pode perguntar pra mulher aí do bar, eu sempre estou aqui...

O homem vai até o balcão e pergunta:

— A senhora conhece esse rapaz?

— É freguês aqui, de vez em quando aparece...

O homem continuou receoso, mas o senso de solidariedade fa-

lou mais alto...

— Tudo bem... Mas não posso me demorar...

— É rapidinho, a mulher e o bebê estão liberados...

O rapaz conversava mais que o homem da cobra e no curto trajeto contou uma fração da vida dele e em pouco tempo parou em frente do Hospital da Mulher.

O motorista diz:

— Você vai lá e quando a sua esposa estiver saindo com o bebê você acena que eu entro na rampa de acesso à porta do hospital...

— Mas será que ela não anda até aqui?

— É melhor evitar...

Em seguida aparece o jovem casal com uma bela menina de cabelos pretos...

O homem dirige com cuidado porque a mulher tinha feito cesariana e a rua estava cheia de buracos...

Deixou-os numa humilde residência, o casal agradeceu de forma emocionada e o rapaz insiste para que o sujeito leve o carro no lava-rápido...

— Não precisa. Só desejo que vocês sejam felizes...

Aí já aparecem as vizinhas para ver a menininha...

O homem foi embora pensativo... Indiferente à fuzarca comercial alusiva à data, o domingo das mães para eles aconteceu na quarta-feira anterior...

Foi embora com aquela sensação gostosa de quem ajudou o próximo sem pensar em nada em troca...

A compensação foi maior do que tudo.

Aquela sensação gostosa era impagável...



As máquinas e a ferrugem

Quem nunca teve um carro velho não sabe como é.

Pois é (um dos apelidos do Fusca).

Dizem que o homem tem uma relação libidinosa com o carro e quando ele consegue comprar um 0k seria como conquistar uma bela mulher.

Sendo assim, o que dizem então quando o sujeito só consegue comprar uma lata-velha?

Nem sempre o defeito está na “ribimboca da parafuseta”!

O problema maior é sempre a grana curta mesmo...

Alguém já disse que o homem tem paixão pela máquina.

Ódio também quando ela pifa.

Ódio que, passada a dificuldade, vira piada.

Um cidadão lá das bandas do Quarto Plano sofreu bastante com o seu “castigo”, um Fiat Prêmio ano 85.

Batizou quase todas as outras latas velhas dos seus clientes.

Uma Belina do Bigode, ano 77/78, virou a “lacrada” só porque os pneus diferentes no eixo traseiro faziam o veículo rebolar um bocado.

Ele dizia:

— Vai lacraia, vai lacraia...

Teve o “cicatriz”, um Escort que de tantas abalroadas tinha remendo pra todo lado; a “preservada”, uma Brasília velha, mas bem cuidada; o “rebelde”, um Fusca com rodas largas que um dia, por descuido do dono, desceu rua abaixo e foi chorar as mágoas em uma

árvore e, finalmente, a “tilanga”, outra Brasília, mas essa bem esquisita.

Dias atrás vi o dono do “rebelde” fulo da vida tentando fazer o motor pegar na descida...

Dilemas daqueles que saíram da bicicleta para sonhar com um “sapato de borracha”.

Tive um Fusca amarelo 72 por 12 anos.

Pneu furava dia sim dia não, cabo do acelerador tinha que ser substituído quase todo mês, a vela gastava acima do normal, o distribuidor era um problema sério, o volante tinha uma caixa de direção totalmente folgada e a lataria era uma maravilha de chorar...

Resumo: faltava manutenção geral.

Isso para não dizer o dia que ele amanhecia com preguiça.

Não pegava nem a pau.

O assoalho rejeitava uma diminuta poça d’água.

Mas mesmo assim foi muito útil.

Tinha um GPS preciso dos bares...

Acho que há sim uma relação meio enigmática entre o homem e o carro.

Tem gente que dá nome aos seus carros como se fossem da família.

Não há aqueles que customizam suas máquinas?

Então, eles não refletem a personalidade?

Quem sabe exista mesmo algo de libidinoso...

Não há os colecionadores de carros antigos?

E aqueles que transformam latas velhas em carrões?

O carro é, em certa medida, a cara do dono.

Quer dizer que há carros narigudos, com orelha de abano, olhudos, carecas e coisas do gênero?



Eu sobrevivi

No sábado de Carnaval encontramos uma amiga com o namorado dela. A casualidade estimulou a conversa.

O ex-marido dela é um velho amigo.

Entre um copo e outro de cerveja ela começou a contar como tinha sido amargo o relacionamento com o ex, revelando coisas que nós jamais podíamos imaginar.

Até onde sabíamos, a separação tinha sido motivada pelo excesso de bebida por parte do marido. Era um daqueles que encostava logo cedo no balcão do bar e à noite já dá para imaginar o estado.

Hoje milagrosamente é abstinente e se não me engano entrou para uma Igreja Evangélica. Mora no interior de SP, em Cândido Mota.

O desabafo foi um choque.

Ela contou um caso de traição e ainda disse que apanhava do ex quando ela se exaltava, fazia exigências e reclamava, com toda razão, da hora em que o marido chegava à noite.

Todos são falíveis, mas a agressão física é intolerável.

Ele é um homem de mãos fortes, acostumadas com a lida pesada.

Ela disse que certa vez chegou a mentir para a própria mãe que tinha batido o rosto na cômoda para justificar o olho roxo.

A gente costuma ouvir muitas histórias de brigas entre maridos e mulheres e casos que chegam à Delegacia da Mulher. Mas quando o fato acontece com alguém próximo, o choque é maior, parece que dói

na gente.

Fiquei decepcionado com o sujeito e se soubesse disso naquele tempo teria tentado uma conversa com ele, pois, tínhamos um bom relacionamento e ele não era um sujeito ruim.

Com a separação ela ficou com os dois filhos menores, sem receber pensão, e foi à luta.

Nunca cobrou ajuda do ex-marido, passou a trabalhar e a estudar.

Passados seis anos ou pouco mais daquele período crítico, hoje ela vive um novo romance e se diz, com orgulho, ser uma vencedora.

Exemplo de mulher forte e determinada.

Justificou que nunca tinha denunciado o marido porque se sentia envergonhada, gostava dele e não queria acabar com o casamento. Mas o relacionamento ficou insuportável e teve forças para dar um basta.

Anos depois o ex veio a Dourados para um casamento do sobrinho e quis dormir na casa onde ela mora com o novo marido argumentando que queria ficar perto dos filhos já adultos.

Mas teve que se contentar com o tapete da sala porque o lugar no quarto estava sendo ocupado pelo outro.

Ela contou que o ex não disse um “a” e depois deve ter se convencido do mico.

Também ia querer o quê?

Podia ter dormido sem essa.

No dia seguinte, retornou para o interior de São Paulo.



Conversando com o Presidente Vargas

Quando a estátua dele estava no centro da cidade na Avenida com o seu nome, Getúlio deve ter imaginado, fumando aquele charuto: como Dourados cresceu...

Na época da Companhia Mate Laranjeira e das colônias isso aqui era tudo mato e para quem sobrevoava o terreno era um verde esplêndido.

Os carros são bem diferentes, com os traços espichados e cada vez menores. Vendo os carrinhos de lanche na praça, ele pensa como as pessoas se alimentam mal e se entopem de gordura.

Nem quer falar em política, pois, após tantas conquistas, inimizades e decepções e um tiro no próprio peito nem é preciso dizer mais nada...

Ele fica ouvindo a conversa no espaço a céu aberto do Badaró onde as pessoas jogam conversa fora debaixo de um céu estrelado e inspirador...

Getúlio bem que tentou manter as rédeas naqueles tempos difíceis...

Agora só lhe resta lamentar, observar e tragar o charuto...

Há muitas formas de morrer, mas a gente deve procurar encontrar uma forma de viver e isso é o mais difícil.

Vem-lhe à mente a história do Rei Xerxes querendo atravessar o mar com seu exército. Mandou construir uma ponte com madeiras

flutuantes e a tempestade da noite destruiu tudo.

Em um ataque de raiva ordenou que fossem dadas trezentas chibatadas no mar..

O bar a céu aberto nunca ouviu essa história, mas a inutilidade da conversa é muito boa.

Contou-se outra do menino que foi herói porque fechou o dique com o próprio dedo evitando uma tragédia...

O mundo realmente é um carrossel com caricaturas imprevisíveis.

Vargas filosofa com seu olhar: as guerras são tolices, filhas da ganância.

Naquele bate-papo, o sujeito solta esta:

— Acho que tanto o Bush como Saddam são bêbados inveterados... Um é pura bucha e outro vive pra lá de Bagdá...

Até Getúlio solta uma gargalhada...



O ataque das cornetinhas

O general *Achatina fulica* determina que os soldados fiquem perfilados. A batalha pela frente é muito dura e cheia de obstáculos. Ele chama a atenção dos subordinados porque seus ouvidos otocistos não escutam bem. Ordena o ataque para que a glândula pedal produza uma baba fina e se locomova a uma velocidade acima de cinco metros por hora.

Avante!

* * *

Calma leit@r! Trata-se apenas de um nariz de cera.

Li no jornal que os caramujos do tipo gigantes africanos também conhecidos como cornetinhas estavam invadindo as casas do BNH 4º plano, onde moro. Olhei no fundo do meu quintal e não vi nada além das titicas de sempre da Raia e do Bambambã.

Fiquei intrigado.

Uma invasão assim seria inimaginável, uma pérola negra.

Viriam de onde? Do espaço?

Pior é que vieram por terra mesmo...

A reportagem fala em desequilíbrio da natureza, assim como os marandovás alojados na bela Sete Copas em frente de casa e coisa e tal.

Eu fico apenas imaginando...

O caramujo não costuma incomodar, até a hora em que ele bate

na porta de sua casa. Aí vira um deus-nos-acuda...

Fiquei sabendo que no posto de saúde do bairro um deles entrou ainda neném pelo cano de esgoto e foi se movimentando e quando chegou perto do vaso sanitário, dias depois, já tinha crescido e entupiu o cano...

Só ficaram sabendo o motivo depois que quebraram o piso!

Misericórdia!

Aí passei a entender melhor o tom de “ataque” dado pelo jornal...

Um exército de caramujos, ainda mais desses africanos, pode causar um estrago dos diabos e, de fato, causou mesmo em toda a cidade.

Ele foi indo, indo e sem que as pessoas percebessem acabaram contaminando muitos quintais e o controle não é nada fácil...

Aqui na vila o estrago foi feio.

Ainda bem que não entraram no cano de esgoto da minha casa, mas fizeram festa no quintal.

Escondiam-se debaixo da terra quando fazia Sol e saiam aos montes quando chovia...

A patroa gastou muito sal para conter as crises...

Quem se fez de corpo mole acabou perdendo a briga para alguém mais mole ainda...

No meu caso, não teve jeito.

Tive que cimentar todo pedaço de terra de casa.

Só assim para acabar com a invasão frenética e alienígena.

Ia ficar mais feio perder a luta...

Que o diga o Caramujo-Flor...



Que “peichoperia”

Lembrei-me de uma pescaria no sítio do Januário.

Eu e mais dois amigos jornalistas e meu primogênito ainda garoto.

Partimos logo cedo no Fusca amarelo.

Os dois amigos se embrenharam no mato e eu fiquei cuidando das coisas.

Quando um deles retornou para um gole de parati e pegar mais isca de mortadela eu e o guri já tínhamos feito um lanche.

Levamos uma bronca:

— Essa mortadela é para isca, não é para vocês comerem...

Antes do meio-dia não tinha mais isca; mas cerveja, um montão...

Ficaram reclamando o resto do dia daquele naco de mortadela como se a mutuca e a formiga não incomodassem mais...

Tiveram que sair atrás de minhoca, mas não encontraram...

No final daquela tarde estávamos com muitas cervejas na cachola.

No caminho, mesmo com o calor e o som alto, os que estavam no banco de trás debruçaram-se sobre a caixa de isopor e dormiram.

No banco da frente o outro amigo deixou até o cigarro apagar e por algum tempo também dormiu.

Ao aproximarmos do posto da PRE, na estrada para Itahum, o policial acenou para que eu parasse.

Chiiii... Sujou..., pensei.

Uma situação desconcertante.

Como esconder a nuvem etílica? Hic!

Permaneci dentro do carro em meio àquele ambiente de final de festa.

— Os documentos, por favor — pediu educadamente o policial depois de rodear o carro e ver bem o jeito dos ocupantes.

Os três continuaram dormindo e eu ali firme, sério igual juiz em audiência.

Averiguou dali, daqui, conferiu e perguntou sobre a placa da frente.

Eu respondi fazendo bico para disfarçar o bafo:

— Perdi! Perdi!...

— Então eu sou obrigado a multá-lo...

— Multa! Multa! — respondi, pensando comigo “multa logo e deixa a gente ir embora”..

O policial foi até bonzinho.

Naquele tempo não havia a Lei Seca.

Deve ter percebido o nosso estado...

“Que peichoperia”, deve ter pensado.

Eu estava firme no volante, mas não me arriscava a abrir a boca.

O teor alcoólico dentro do fusca era explosivo.

Acho que o Fusca ficou vermelho por algum tempo...

Na segunda-feira, os dois zombando de mim por causa da multa.

E um deles com aquele riso do Mutley como a dizer: “se ferrou”..



Devolve o bode!

A tradição de se roubar galinhas na Sexta-Feira Santa (roubar é uma tradição?) levou um grupo de rapazes a uma situação engraçada para não dizer quase desastrosa.

Saíram na calada da noite, dois deles, para buscar galinhas no sítio de um primo. Lá chegando, sob um breu absoluto, não encontraram galinha alguma. Apenas um bode.

— Não vamos sair daqui de mãos vazias — disse um deles.

— Vamos levar o bode... — disse o parceiro.

— Bééééé...

Retornando ao local onde a ideia surgiu, o terceiro companheiro se surpreendeu.

— Um bode?

Quando o animal ficou sob a luz eles se surpreenderam com a beleza.

Era um bode vistoso, barbicha bonita, um pelo sadio, um olhar assustado assim tipo “onde eu estou”..

O terceiro amigo alertou:

— Vocês ficaram loucos, esse bode é de raça!

— Não... Nós não vamos devolvê-lo — retrucaram os outros dois.

Resolveram não matá-lo.

Devolvê-lo era o problema.

O primo se sentiu na obrigação de assumir a culpa e contar o que tinha acontecido.

Ao devolver o animal levou um “sabão” daqueles...

O caso quase foi parar na polícia.

Resultado: três jovens amigos que poderiam muito bem comprar quantas galinhas quisessem passaram a ser visto como ladrões de bode...

Ainda bem que não mataram o pobre animal...

O bode era um campeão premiado em exposições e custava caro.

Teriam ido pra cadeia e tudo teria dado, literalmente, o maior bode...



O sino da escola

Joãozinho era um menino maroto.

Durante as aulas passava a maior parte do tempo conversando e só se continha, por alguns minutos, quando o professor lhe chamava a atenção.

Sempre se sentava no fundo da sala, de onde jogava pequenas bolinhas de papel nos colegas.

Vivia pedindo lápis e apontador emprestados e só prestava atenção nas aulas de Geografia e História porque sonhava em conhecer locais diferentes e achava o mundo de antigamente mais legal.

Sentava-se ao lado da porta porque quando batia o sino para o recreio ou para o final das aulas ele era o primeiro a sair correndo pelo corredor, doido para se ver livre daquele martírio diário.

A peraltice era uma forma de abusar da liberdade.

O professor de Matemática, alto e forte, com estilo militarista, não gostava daquele jeito apressado do Joãozinho.

Exigia que todos se levantassem quando ele entrava na sala e os alunos só podiam sair depois dele.

Não queria nem um pio durante as explicações.

O menino maroto era uma ameaça à sua autoridade.

Como se não bastasse o conteúdo chato, esse professor não se importava se era simpático ou não com a turma.

Certo dia, Joãozinho saiu correndo após o sinal e o professor chamou-o em tom ríspido:

— Mocinho, mocinho, mocinho...

Mocinho que nada.

O garoto já tinha dobrado o corredor e corria pelas escadas.

Fez-se de surdo.

No dia seguinte veio a reprimenda.

O professor não chamava ninguém pelo nome.

Apenas pelo substantivo “mocinho” ou “mocinha”.

Uma vez uma colega negra reclamou que um garoto tinha chamado-a de “preta”.

Ele disse:

— Então chama ele de branco! — arrancando uma gargalhada da turma.

Naquele fatídico dia, ele aproximou-se do Joãozinho e disse:

— Você fez uma coisa muito feia ontem... Você não pode sair correndo pelo corredor daquele jeito... Você precisa respeitar o professor... Você...

Joãozinho ouviu tudo ressabiado, mas como era teimoso como uma mula continuou correndo como um cachorrinho livre das coleiras.

Só não fazia mais isso nas aulas do “moção”.

O garoto queria chegar logo em casa, jogar o material da escola em um lado, tirar o uniforme e pegar a bicicleta para brincar no pouco tempo de claridade que ainda restava na tarde.

Joãozinho nunca teve as melhores notas.

Todo ano ficava para o exame final, mas nunca reprovou.

Passava, mas raspando.

Esforçava-se apenas para tirar o mínimo necessário e deixava o resto da energia para brincar.

Era um garoto com a felicidade estampada no rosto e não era

disciplinado tanto em casa como na escola. Mas não era mau.

Apenas abusava da liberdade.

Um dia deu de cara com o diretor no corredor e acabou suspenso por deliciosos três dias.

No dia da formatura ele e o “moção” se encontraram e deram boas risadas, mas o representante do cateto da hipotenusa continuou aconselhando inutilmente:

— Mocinho, não faz isso, não faz aquilo...

Joãozinho pensou: ainda bem que a liberdade não enche o saco.



A simulação

Durante as comemorações do Dia dos Bombeiros alguns convidados passaram um susto danado.

O momento solene foi interrompido por um barulho estridente de um carro batendo em latas velhas e, de repente, se viu uma pessoa caída no chão embaixo do veículo.

Nem todos prestaram atenção, mas o locutor se encarregou de avisar:

— Neste momento acaba de acontecer um acidente aqui em frente dos bombeiros!

Os convidados estavam de costas para a rua, se viraram e se assustaram, em meio aos gritos e “óóó...”

Era uma simulação para demonstrar o rápido atendimento.

A confusão se armou porque o público não sabia do teatro armado e alguns visitantes entraram em pânico.

Um deles pegou o celular com a intenção de ligar para os bombeiros justamente em frente do quartel; outro se mostrou perplexo com o fato de acontecer um acidente bem ali em frente naquela solemnidade e ainda disse:

— Que ironia!

Mulheres, apavoradas, cobriram o rosto com as mãos, temendo pela vida do cidadão caído.

Outro ficou trêmulo, mesmo depois de ficar sabendo que tinha sido uma armação, pois, ele achou que demorou o socorro ao intrépi-

do ator esticado no chão...

Alguém ali pode até ter melado as cuecas ou as calcinhas...

Todo acidente realmente causa forte susto.

Descoberta a simulação, a maioria se voltou aos seus lugares sob sorrisos discretos.

A brincadeira foi no melhor estilo das pegadinhas na tevê.

Foi um teste cardíaco e tanto...

— Cai direitinho como um patinho... — comentou um sujeito.

O homem que pensou em ligar para os bombeiros, o primeiro a correr para o local do acidente, ficou tão assustado que não conseguia digitar os números no celular enquanto bastava dar um berro...

O comportamento dessas pessoas revela como reage o instinto humano diante de tais circunstâncias.

Há os frios o bastante para ajudar e lidar com o inesperado, mas outros ficam, literalmente, com as pernas bambas.

Tudo pareceu muito real, isso sim.

Na próxima vez não seria exagero cobrar ingresso para o espetáculo.



Soneca gostosa

Alguém, entre um cochilo e outro, deduziu: dormir é morrer um pouquinho...

Nada melhor como uma noite bem dormida e cheia de sonhos para as energias se renovarem para o dia seguinte.

A maioria das pessoas dorme no quarto, recanto sagrado de todos os mortais e é para isso que existem os quartos!

Entre outras coisas, lógico...

Até aqui, nada demais.

O cansaço vence o mais forte homem e todos dormem.

Uns menos e outros mais, alguns naturalmente e outros à base de remédios.

Mas o que dizer de quem dorme em frente de casa logo após o almoço?

Assim é um vizinho.

Logo após o almoço ele coloca a preguiçosa na frente de casa, na calçada, aproveitando a sombra gostosa e dorme, ronca bonito...

O gato da casa se aproxima.

Esfrega-se em suas pernas e também dorme.

Quando todo mundo está saindo para o trabalho da tarde os dois ali continuam dormindo aquela soneca gostosa de fazer inveja...

Pode passar carro, caminhão, moto, trator, carroça, o cachorro latir. Nada os acorda.

O vizinho já trabalhou bastante. Está perto da aposentadoria.

Merece descansar bastante.

Dorme de boca aberta...

Deve sonhar com o Paraíso ou outras coisas boas...

Quem o via daquele jeito dava pelo menos uma risada discreta...

Só teve uma coisa que acabou com a folga dele e do bichano.

O besta aqui resolveu escrever uma crônica a respeito.

A filha dele tirou o maior sarro e ele ficou com vergonha.

Agora vai dormir lá no fundo da casa ou, como todo mundo, no quarto.

E o bichano atrás.



Putz grilo! Que bigodão!

A mulher já estava com o saco cheio de tanto ver o marido no bar e se sentia não apenas preocupada com o risco do consumo de cerveja em doses cavalares, mas se via dividida, desprestigiada, com ciúme dos amigos e companheiros de bebedeira.

O marido é trabalhador e compreensivo com a família e achava aquela reclamação um exagero e por isso relevava as cenas de histerismo, mesmo porque são casados há muito tempo.

Quando a mulher ligava no telefone público do bar, o homem se sentia meio ressentido na sua condição de varão da casa, e achava que aquele gesto feria a sua liberdade, o seu direito de ir e vir, de beber uma cerveja onde quisesse e um copo a mais.

Os encontros dos pés inchados são um espetáculo.

Sempre há uma piada nova, o bozó transforma aqueles barbudos e com fios brancos em verdadeiras crianças, tamanha a descontração, a diversão, a felicidade.

O bar é um clube e todos têm uma estória ou história para narrar, a troca de ideias estimula a “saideira”, a “caideira”, “mais uma”, enfim, aquela rotina de ebriedade absoluta.

O divã dos pobres.

Mas sem brigas, sem discussões.

O dono do bar é amigo de todos.

A mulher nunca aprovou dividir o seu marido com aqueles marmanjos e tentava forçar as coisas com seu desarranjo verbal, não

admitindo o fato de o marido ter o umbigo amarrado naquele e em outros bares, onde impera uma boa amizade.

Brigar não resolvia, mas ameaçou provocar uma baixaria no estabelecimento para ver se o marido se envergonhava. Que nada. Ali quase todos enfrentavam a mesma resistência em casa e até trocavam impressões a respeito.

A esposa pensou em abrir um boteco na própria casa para ver se segurava o marido.

O marido dividia-se com essa situação, mas ainda tinha fígado bom.

O filho, vendo a mãe reclamar, sugeriu que ela passasse a usar bigode postiço igual ao do dono do bar. Lógico que a brincadeira não passava de uma tentativa para amenizar a situação com humor e irreverência.

E não é que ela gostou da ideia?

Quem sabe o “bigodon” causasse reação inesperada do marido já que a intenção era provocar o brio dele.

Quando o marido chegou em casa naquela noite, se deparou com a esposa com um bigodão postiço, uma cena hilária, cômica, inacreditável...

— Putz grilo! Que bigodão! — disse ele antes de uma boa gargalhada...

Aproximou-se da esposa, sapecou-lhe um belo beijo mesmo com aquele bigode fazendo cócegas e disse para ela parar de ser ingênua.

Jamais a bebida superaria o amor de longos anos.

Ele pegou aquele bigode, colocou-o em si e se dirigiu ao bar exibindo-o aos amigos e contando a nova do dia...

E tudo continuou como dantes no Quartel de Abrantes...



Uma comadre por telefone

— Alô?

— Alôu!...

— O compadre está? — pergunta o motorista compadre.

— Está, espere um minuto...

Nisso, a colega do serviço pede o celular dizendo que quer conversar primeiro com a esposa do compadre antes dela passar o telefone:

O motorista compadre então diz:

— Espera ou pouquinho, tem uma pessoa aqui que quer lhe falar...

— Pois não...

— Oi, tudo bem? — pergunta a colega.

— Tudo! — responde a mulher do outro lado da linha.

Já se passaram alguns dias do aniversário do compadre, compramos um presente simbólico e vamos aí entregá-lo pessoalmente...

— Aniversário? Presente? Há algo de errado nessa conversa. O meu marido ainda vai fazer aniversário e você já quer presenteá-lo aqui na minha casa? Quem é você? Você é amante dele sua sirigaita? Sua *&#@%\$\$##&&****

Assustada, a colega devolve o celular para o motorista compadre dizendo que ela estava sendo “esmagada” pela mulher do outro lado da linha.

Alguma coisa estava mesmo errada.

— Alô — disse o motorista compadre.

— Não é a comadre Anastácia?

— Comadre Anastácia é a sua vovozinha — respondeu a mulher furiosa...

— Então me desculpe, eu liguei errado!

Depois da confusão o compadre constata que ligou mesmo para o número errado...

— Mas como você liga para o número errado? — queixou-se a colega.

— Você tomou o celular da minha mão e já desandou a falar como se conhecesse a pessoa do outro lado da linha...

Refeito o mal entendido, o ruído na comunicação resultou em boas gargalhadas.

— Mas então vamos à casa do compadre levar pessoalmente o presente — disse o motorista compadre.

Chegando lá não tinha ninguém.

No final da tarde, o motorista foi à casa do compadre sozinho e contou a confusão...

O compadre aniversariante quase urinou na calça de tanto rir...

— Mas o número não é 422...

— Não! Mudou...

— Puxa, mas que coisa. Eu estava crente que tinha ligado para o número certo...

Na segunda-feira seguinte, na repartição, a colega se dirige ao aniversariante e narra à presepada.

— Passei uma vergonha! Mas está aqui o seu presente...

Era uma camiseta bonita para realçar ainda mais a barriga saliente do velho servidor da repartição.

Dias atrás, uma vizinha do compadre aniversariante passara por um equívoco parecido.

Ligou e encomendou um frango assado.

Pedi para a entrega ser feita ao meio-dia, mas não perguntou de onde era.

O sujeito do outro lado respondeu apenas:

— Tudo bem...

Deu meio-dia, uma hora e nada...

No dia seguinte, o marido foi reclamar com o dono do açougue e esse estranhou a cobrança:

— Mas que frango? Que encomenda? Esta é a lista das pessoas que ligaram e não tem o nome da sua esposa...

Em casa, confuso, cobrou explicação da esposa e ela então começou a desconfiar que tivesse ligado para o número errado...

— Mas bem que o sujeito podia ter dito que não era do açougue...

Agora, na repartição, os compadres de crisma, batismo e horas naqueles bancos duros da Igreja fazendo o cursinho de batizado, por bem, agregaram informalmente a colega.

Ela ganhou o simpático título de “comadre enviesada”...



O gari e a independência

José nunca se preocupou em prosperar e ter uma boa profissão.

É gari e não reclama do salário e nem do trabalho.

Ofício antigo pra chuchu.

Na Inglaterra da Idade Média eram eles que recolhiam a bosta dos cavalos nas ruas.

Na Roma antiga também já existiam os garis.

Raras vezes o Zé se aborrece com alguma coisa.

Mas num certo Sete de Setembro ele quase surtou.

Nunca tinha refugado serviço.

Escalaram-no para uma missão nada republicana: faria parte do grupo que segue atrás dos cavalos do Exército para recolher a bosta e manter a rua limpa para o desfile que viria logo atrás, pois, o Exército sempre é o primeiro a se apresentar.

Ele seria um daqueles encarregados de empurrar um carrinho laranja e com uma pá e vassoura recolher toda a sujeira sob os olhares curiosos da multidão.

Zé se sentiu o último dos moicanos!

O que é pior: catar bosta aleatoriamente na rua ou ver o cavalo marchando na frente e, de repente, erguer o rabo, soltar um pum e detonar aquele monte de merda no asfalto e marchar logo atrás para recolher a sujeira?

Santa titica!

E a coleta tinha que ser feita com eficiente prontidão...

Entre os populares surgiu um engraçadinho cantando palavras de ordem logo acompanhada por outras pessoas:

— Um, dois, três, esterco no balde; um, dois, três, gari freguês...

Zé nunca tinha visto o desfile sob a perspectiva da traseira de um cavalo...

E se o cavalo tivesse enxurrio?

E se...

Mas, fazer o quê?

No fatídico dia ele ainda se deparou com outra situação desconcertante: não só ele, mas os colegas não estavam dando conta de catar tantas bolotas... Parece que a tropa tinha deixado pra defecar justamente durante o desfile...

Algumas ficaram para trás, pois, o desfile das escolas vinha logo em seguida...

Naquilo a estudante abre-ala pisa em cima da bosta com a bota branquinha especialmente para aquele dia e começa a reclamar:

— Ô tio, vê se limpa direito...

Foram seis ou sete quadras de desespero que nunca chegavam ao fim...

E os cavalos não paravam de sujar a rua!

Zé odiou aquele dia, o desfile, a gozação, os cavalos, o Exército, enfim...

Mas de que adiantava uma revolta atrasada? O serviço já estava feito. O pior já tinha passado.

Ficou traumatizado e — pudera — quem não ficaria?

“Que idiotice é essa de usar cavalos em desfile”, pensou.

Correu-lhe a ideia de procurar o general e sugerir que usem fraldões nos cavalos na próxima vez.

Cavalos com fraldas vão roubar a cena...

Se vão!

Depois dessa o Zé até quis voltar pra escola.



Dois caipiras na Capital

Dois corintianos roxos tiveram a experiência de dois caipiras na Capital.

Só a paixão pelo futebol explica a vontade de subir em um ônibus em Dourados para assistir uma partida no Moreirão, em Campo Grande, contra o velho Operário.

Até aí, nada de esdrúxulo se não fosse o fato dos dois nunca terem ido à Capital.

Direto, via expresso, do Jardim Itália para uma cidade grande e um estádio enorme como o Moreirão.

Eram caipiras, mas não eram tontos.

Quem tem boca vai a Roma, não?

Para descerem no Moreirão foi fácil porque o ônibus passa em frente.

Até aí Laquicho foi bem...

Durante a partida eles estavam se sentindo como peixes fora d'água porque nunca tinham visto tanta gente estranha e tanta histeria...

O drama estava mal começando.

Quando acabou a partida os torcedores se aglomeraram nos pontos de ônibus próximos ao estádio e como todo caipira que se preza, invariavelmente, tem medo de multidões, eles ficaram meio afastados e nem sabiam o destino dos ônibus.

Quem tem boca vai a Roma, certo?

Mas se não abrir a boca não tem jeito...

Tinham vergonha de perguntar para aquele povo alvoroçado.

Tem outra: o dinheiro era curto, mal dava para as passagens.

Resolveram procurar a rodoviária a pé.

Não tinham ideia da distância.

Em vez de pegarem o rumo para o centro, começaram a andar em sentido contrário, para Dourados.

Quando foram descobrir já tinham andado um montão.

Encontraram uma boa alma pela rua que estava indo para os lados da rodoviária (a antiga) a pé:

— Sigam-me — disse o estranho.

E lá foram os três...

No meio do caminho passaram em frente do hotel onde a equipe do Corinthians estava hospedada e havia certo agrupamento no saguão. Ficaram ali observando alguns jogadores sendo entrevistados e o guia se mandou, deixando-os para trás.

E agora?

Resolveram, finalmente, abrir mais a boca.

Foram se informando até chegarem à rodoviária.

Chegaram cansadíssimos, com sede, com fome, com as pernas bambas e pés doendo e com bolhas...

Quando contaram a saga foi àquela farra...

Nunca tinham andado tanto...

Vai ser corintiano assim na Conchinchina!



O que o medo não faz...

Severino comprou um jegue e pagou caro: R\$ 4 mil.

Era um animal de boa lida e bonito.

Soltou-o na fazenda e gostava de exibi-lo como uma boa aquisição.

Esse tipo de animal é pouco comum por estas veredas.

A fazenda preserva áreas nativas e possui um rio piscoso na divisa.

A flora e a fauna são abundantes.

Severino tinha medo das onças, mas gostava de caçar queixadas, capivaras e tatus.

Em uma noite escura, sozinho, avistou, de longe, um vulto se aproximando.

“É uma onça”, pensou, sentindo um calafrio no espinhaço.

“É mesmo”, pensou de novo.

Garrucha ajeitada e, bom de tiro, acertou em cheio aquele vulto.

Não quis nem ver o estrago. Preferiu deixar para o dia seguinte.

Chegou a ver até as pintas da baita.

Avisou a família e os dois irmãos que tinha matado uma onça.

Na manhã seguinte foram ver a onça morta e aí veio a surpresa.

Ele não tinha matado a onça...

Lá estava o defunto do jegue com um tiro na testa!

Os irmãos começaram a rir.

— Onça né? Que baita onça! — disse um deles.

Como eram apenas os três que tinham visto a cena, Severino implorou para os irmãos guardarem segredo senão o caso ia virar piada na vila.

Se perguntassem pelo jegue diria que o tinha vendido...

Mas os irmãos não resistiram.

— Onça nada, era o jegue... Coitado do bicho... Morto por engano e ainda ficou com as patas viradas para o céu clamando por piedade — comentou um deles.

— O mano quase se borrou acreditando que era uma onça em sua direção e era o jegue querendo carinho... — emendou o outro.

Como rastilho de pólvora toda a vila ficou sabendo da história.

Mas as pessoas queriam ouvir da boca do próprio Severino o que tinha acontecido obrigando-o a repetir por várias vezes o mesmo episódio e ouvindo essas pessoas rindo da cara dele e o tom de ironia...

Daí veio o inevitável apelido: “Severino do jegue”...



No Douradilho

Três amigos saíram para pescar.

Ficaram cinco dias às margens do Rio Douradilho, em uma fazenda bonita e cheia de gado, ocupando dois ambientes naturais sob a mata ciliar.

Em um deles instalaram o rancho.

Pescar é bom, mas dá trabalho.

A Natureza, perfeita, deixou até um tronco grosso onde eles puderam pendurar as panelas e foi útil para um jirau, uma mesa improvisada feita com bambu, galhos e amarrada com cipó.

Pacheco e Franco são mateiros.

O aprendiz de ermitão ainda é apenas um principiante, mas ele sonha em fazer uma casinha no mato e ocupar o seu tempo ouvindo pássaros, pescando e olhando para onde as formigas vão...

Ajudava na medida do possível.

Franco, o cozinheiro, conversava mais do que o homem da cobra.

Pacheco, o líder, nem sempre tinha paciência para tanta prosa.

O aprendiz, por sua vez, sem tanta pachorra com a vara, minhocas e isca, agradeceu a Deus por ter bons ouvidos.

Os macaquinhos paravam para escutar o homem falante...

Até dormindo fazia barulho porque roncava alto...

Provavelmente um macaquinho afrouxou a corda da rede e o aprendiz se esborrachou no chão.

Lá do alto das árvores ele deve ter achado graça do tombo do gordinho.

De dia se pescava peixes pequenos para serem usados de isca à noite. Pacheco pegou um dourado de 4,5kg.

O capataz da fazenda descia todas as tardes até o barranco para pescar junto e conversar.

Afinal, não era todo dia que tinha gente diferente na fazenda...

Falaram sobre lobinhos, bocas de sapo, sucuris, capivaras, tatus, queixadas, mateiros...

O aprendiz de ermitão viu sim é muita aranha e não largava do facão e do farolete à noite.

Numa noite um tatu galinha se aproximou e deu um susto.

Pacheco saiu correndo atrás do bicho no meio do mato naquele breu e o Franco saiu atrás só que com outro objetivo.

O susto abriu-lhe o intestino...

E quando o Pacheco estava voltando se deparou com o Franco de cócoras no meio do carreador:

— Você vem cagar bem no nosso caminho?



Êta coceirinha go\$to\$a!

A coceira, a bendita coceirinha...

A melhor é aquela na palma da mão que sugere a vinda de dinheiro... Gosto\$a demais...

Mas se coçar a esquerda é cobrança na certa.

A direita é a da sorte. Aí é quase certeza de grana extra.

Por isso que dezembro é o mês quando mais se sente coceira na mão direita. É o décimo terceiro chegando.

Já em janeiro começa coçar a esquerda...

Podem perceber: em dezembro é uma coceira de macaco dos diabos seja nas ruas, no trabalho, no ônibus, no banho, enfim, é a pessoa fazendo planos...

Há outra simpatia: se sentir a vontade de coçar a mão direita dá aquela coçadinha básica e põe ela rapidinho no bolso.

O imã financeiro fica mais forte.

No caso da mulher põe na bolsa.

Ganhar dinheiro, presente, poder realizar um sonho de consumo, abrir uma poupança, pagar as dívidas e não ficar devendo pra senhor ninguém é tudo de bom...

Mas nem todos os caminhos levam a Roma: enquanto o empregado fica esperançoso com o décimo o patrão coça a cabeça para arranjar o dinheiro...

Há um cidadão com bolhas nas duas mãos de tanto coçar. Ele acha que o dinheiro extra e a cobrança fizeram o encontro de contas

no meio do caminho e ele ficou a ver navios...

A coceira também pode ser um incômodo, um problema de saúde e aí o dinheiro não vem, mas vai...

Quanta abobrinha meu Deus do céu!



Causo natalino

Dois ou três dias antes do Natal o supermercado parecia um formigueiro.

Aquela correria típica de final de ano, de brasileiro habituado a deixar tudo pra última hora.

Um monte de gente comprando, os caixas lotados, os funcionários com muitas entregas por fazer.

O nosso causo natalino se dá num dia desses e ainda assim chuvoso.

A entrega das compras tinha que ser feita em tempo hábil.

Uma equipe terceirizada se desdobrava para cumprir a sua meta e entrou numa vila popular em meio à chuva e ao atoleiro.

A casa com o número 600, local da entrega, estava fechada.

O entregador pulou o muro e deu um jeito de colocar as compras na frente da porta da casa, cobriu as caixas com plástico e foi embora para o próximo número.

No retorno ao supermercado o gerente estava furioso porque uma freguesa estava cobrando a entrega.

— Mas nós entregamos essa compra...

Confere daqui, confere dali, constataram que a compra tinha sido entregue no número certo, mas na rua errada!

Naquela vila só mudavam os nomes das ruas...

Os números das casas eram iguais tanto numa rua como na paralela...

Catatau!

E agora?

Foram tentar recuperar a compra, ou melhor, o que tinha sobrado.

Chegando à casa bateram palmas e aparece na porta um menino com a boca lambuzada de iogurte e o potinho em uma das mãos.

Dava pra sentir da rua o cheiro da linguiça frita e a dona da casa já estava meio alterada porque tinha tomado umas oito latinhas de cerveja.

Mãe e filho, pobres, estavam começando a acreditar em Papai Noel.

Os rapazes explicaram o ocorrido e a mulher resmungou:

— Fazer o quê? Eu fiquei surpresa com essa comida toda na porta da minha casa, pensei que Papai Noel finalmente tinha vindo visitar a gente...

Ela já tinha colocado as batatinhas na cesta, as compras no armário e guardado a carne na geladeira.

— Alegria de pobre acaba depressa — lamentou a mulher.

Os rapazes recolheram o que tinha sobrado.

No supermercado:

— Chefe, resolvido o problema...

Mas os dois tiveram uma crise de consciência.

Ficaram com dó da pobre mulher que tinha ficado triste e sem comida.

Ainda naquela noite compraram uma cesta básica bem recheada e foram levar para a pobre mulher.

Ela quando viu as compras disse:

— Mas então Papai Noel existe mesmo!



Os olhos do desbunde

A Parada da Diversidade na Praça Antônio João foi para uma cidade conservadora como Dourados, literalmente, um desbunde.

O dia mais *pink* da história local.

Ares de cidade grande? Talvez sim, talvez não...

O relevante é a revolução em praça pública com os manifestantes armados apenas com o desejo de serem respeitados como seres humanos e cidadãos, independente da opção sexual e das regras morais.

Municiados apenas com balões multicoloridos, música, fantasias exuberantes, brincos, cabelos estranhos, enfim, com a vontade de barbarizar uma sociedade que esconde, debaixo do tapete, as suas próprias barbaridades.

Eles tiveram a coragem de bater de frente contra a discriminação.

Temos que aprender a conviver com as diferenças.

Bicho feio é a hipocrisia, a falsa moral, a megalomania, a falsidade e outros destemperos sociais.

Se os gays e lésbicas são depravados como insinuam os beatos, o que dizer de algo bem maior, ou seja, os corruptos dentro e fora da coisa pública?

E os marginais, assassinos, traficantes, pedófilos?

Qual o tratamento, além da cadeia, lógico, que se pode dar aos mega-sonegadores?

O que dizer dos falsos mercadores da fé?

O evento mexeu com o inconsciente coletivo como uma bússola que diante de um magnetismo inesperado, fica maluca, perdendo o Norte.

Se eventos assim acontecem Mundo afora, porque Dourados poderia ficar alhei@?

Essa é uma discussão interessante porque os contras têm todo o direito de sê-los e os a favor também têm o mesmo direito.

Foi polêmica a parada.

Teve peito, raça e bunda arrebitada de montão...

Independente das controvérsias foi um marco.



Este sabe ganhar no grito

O garotinho apareceu no botequim decidido a levar um doce.

Olhou pelo vidro o balcão cheio de guloseimas e rapidamente invadiu o espaço onde ficava o dono do bar atrás das portinholas daquele paraíso delicioso pensando em encher as mãos...

O comerciante levava uma cerveja na mesa de fora e antes mesmo de perceber o jeito matreiro e relâmpago do menino, a mãe puxou o invasor, forçando-o a respeitar os limites...

Foi o suficiente para começar o pampeiro.

O pimpolho deu um sonoro e desesperado NÃOOOOOO que o berro agudo doeu os ouvidos...

— Você não pode ficar ali dentro, vamos sair — repreendeu a mãe, aparentemente não disposta a ceder aos caprichos do filho atrevido e, pelo jeito, acostumado a fazer birra quando desejava algo.

— NÃOOOOOO! Eu quero doce, me larga... Eu quero, eu queerooooo!

Os homens acotovelados assistiram a vespinha entrando no bar como um raio...

— NÃOOOOOOO! Larga... Eu quero doce...

A mãe tentava contornar a situação, mas o garoto virou fera indomável...

Berrava, chorava e tentava se jogar no chão, teimoso tal qual burro empacado...

A mãe se contorcia, puxava, mas não dava conta... Certamente

estava a ponto de dar umas boas lambadas, mas diante dos olhares estranhos não queria bater na criança...

Podia ser que estava sem dinheiro...

O dono do bar olhou a cena e comentou sorrindo:

— Ô loco meu!

Já abria a portinhola para acabar com a agonia e a manha exagerada quando um jovem freguês interveio gentilmente.

— Dona, pode pegar doce... Eu pago... Dá um chiclete ou veja o que ele quer...

A mulher, sem saber onde punha a cara, não teve alternativa, pois, só assim para acalmar as coisas...

Chiclete na mão, o menino esbaforido já o enfiou na boca como se nunca tivesse mascado aquela massa de destruição de dentes.

Uma coisa era certa: a vontade era tanta, mas tanta que logo nas duas primeiras mascadas escorreu saliva no canto da boca do guri...

Será que tava com verme?

O menino fez outra cara, estampada de satisfação, alegria de ver seu desejo atendido...

Os adultos não querem pinga?

Ele só queria um inofensivo doce...

A cena gerou comentários.

Cenas de crianças chorando por doces são até comuns, mas aquele guri literalmente era exagerado, teatral, escandaloso.

O dono do bar aproveitou a deixa:

— Um dia apareceu um garoto e ficou olhando para os doces, só olhando, demorou demais e eu perguntei: o que você quer, vamos logo... E ele respondeu “quero tudo”...

É... Aquele garoto sabe realmente ganhar as coisas no grito...



Dois patinhos na lagoa

Ele faz aniversário quá-quá-quá...
Então vamos cantar parabéns pra ele quá-quá-quá...
Muitos anos de vida quá-quá-quá...
Que papai do céu o abençoe quá-quá-quá...

* * *

Victor Hugo escrevia para os netos.
Escrevo então para o primogênito.
No dia 22 de junho de 2005 ele completou 22 anos.
Que o caro leitor me permita leonificar um pouquinho.
A patroa alertou:
— Veja lá o que você vai escrever!
Se errar vai ser tentando acertar.

O sentimento e o amor do poeta apenas se leonificam, se coisificam ou sabe-se lá quá-quá-quá...

Em 22 anos nunca escrevi, em primeira pessoa, uma linha sobre ele...

As lembranças de sua infância perfumam a memória.
Lembro-me de uma criança muito grudada em mim.

A sua criancice na casa da Rua Iracema, o dia em que ele, um toquinho de gente, começou a dar os primeiros passos sem antes engatinhar, sempre sorrindo e cheio de vida...

Quando dormia em meus braços no ônibus lotado meus músculos se cansavam e diziam quá-quá-quá...

O dia em que deu um susto danado tomando “Q-Boa” pensando que era água...

Do dia em que fugiu da escola e pulou o muro porque a professora gritou com ele quá-quá-quá...

De quando começou a se interessar pelo cavaquinho e integrou o *Debaixo da Saia*...

Das suas canções ao violão solitário e triste em frente de casa...

Da sua voz mansa e pausada e às vezes retumbante como corneta quá-quá-quá...

Da meiguice resumida em 22 anos...

Do Elpídio Reis em “Só as Doces”: se a mocidade conhecesse as suas vantagens, sua força, ela governaria o Mundo...

Ou La Fontaine:

— Amai... Amai... Que tudo o resto é nada!

Superamos nossas diferenças, tivemos nossos desencontros quá-quá-quá...

Mas hoje o meu pequeno menino é homem feito...

É alto e forte...

Têm virtudes, defeitos, desejos e frustrações, caráter, verdade e simplicidade...

O descobrimento se leonificou em algo mais quando veio ao Mundo a primeira filha quá-quá-quá...

Aprecia a música, canta e, por conta desse ar gracioso e feito genioso é rodeado pelas jovens...

Haveria mesmo três tipos de pessoas: as boas, as más e os músicos? Quá-quá-quá...

Ele não é uma má pessoa, apenas musifica a leonidade que há

dentro de si...

Está na juventude dos 22, na cantoria dos dois patinhos na lagoa quá-quá-quá...



Um doce para o “furmiga”

O “furmiga”, como o apelido sugere, apesar do erro na grafia, parece mesmo uma formiguinha. Ou um “smilinguido”.

Não para. É elétrico, entrosado com a rapaziada, integra a seleção de basquete da cidade e do Estado, gosta da boa vida e tem disposição para enfrentá-la de peito aberto.

É meio nervosinho às vezes.

Mas na maior parte do tempo é calmo, frequenta a escola e sonha, um dia, em ser médico e ganhar dinheiro com seu esporte predileto integrando uma grande seleção do eixo Rio-São Paulo.

Ainda bem que ele sonha bastante.

Como eu vivo voltado para as vaquinhas verbais levando-me a lugares surrealistas e indescritíveis nem sinto quando o “smilinguido” passa perto e diz:

— E aí velho? Beleza?

— Beleza...

Quando ele chega o telefone não para de tocar.

Aliás, por falar em casa, na verdade ele possui outras, pois, um dia está na de um, no outro dia na de outro e assim vai pulando de galho em galho como um buliçoso, apesar das preocupações caseiras e dos alertas para que se cuide, seja discreto, tenha “desconfiômetro”, evite isto e aquilo para o seu próprio bem.

Mas o clã ou fãs do “furmiga” é curiosamente numeroso.

Parece imã.

Vive emoção e aventura como um jovem saudável mal conquistando a maioria voando para longe, muito longe...

Tem a força de saúva e a picada ardente de lava-pé!

A hiperatividade sempre foi uma de suas vitrinas.

Gosta de roupas de grife, de andar bonito, perfumado, com tênis caros, sempre com halls no bolso e nem vou entrar na seara feminina porque aí pode dar briga e confusão...

Lógico que dinheiro pode faltar para mim, mas para ele não.

O que eu tenho em abundância, no momento, ele não dá muita bola creio que por causa da idade, mas acredito no reconhecimento, da parte dele, de valores cuja moeda não compra...

A sua prioridade é outra e, sem alternativa, resta-me respeitar a sua vontade e desejar-lhe boa sorte.

Quando o vejo em uma quadra correndo de um lado para outro, rápido, rasteiro, matreiro, guerreiro e às vezes até sem estar muito inspirado, me pergunto: de onde veio esse cara?

Por conta própria, com apoio do seu primeiro professor que descobriu seu talento para o basquete ganhou bolsa de estudo.

Antes disso já tinha sido avistado por outro professor amigo que queria encaminhá-lo para o futebol de salão.

A partir da bola ao cesto seus braços e pernas esticaram e hoje ele troca lâmpada em casa sem subir na cadeira, embora ainda seja baixo para os padrões do basquete...

O “furmiga”, no estilo “smilinguido”, caro leitor, é o meu filho mais moço, nascido em 21 de abril.

Antes de encerrar, agradeço à família “furmiga” pelo apoio, camaradagem, tolerância e os doces, pois, a legião de amigos e colegas parece uma torcida de futebol ou, no caso, de basquete, de tão grande.



O padre e o guri

Era comum o padre abençoar casas no interior.

Aliás, ainda é, embora não como antigamente.

Sempre aparecia perto das 11h e já ficava para o almoço, lógico, juntava o útil e agradável ao palatável.

Era uma benção e uma honra tê-lo à mesa.

O padre sempre tem uma palestra agradável e suave aos ouvidos, elevam os pensamentos... O céu em terra firme...

Emanam palavras divinas...

Os padres rabugentos, no entanto, são solitários.

Naquela manhã nublada, o padre negro, depois da conversa descontraída na sala, iniciou suas orações e passou pelos cômodos borrifando água benta para afastar os espíritos zombeteiro, maus olhados e todo tipo de coisa ruim.

Na sala de estar onde a dona fabricava artesanalmente bolsas de miçangas havia um saco de bolinhas caído pelo chão...

Pipocaram por todo canto...

E quem foi chamado para catá-las?

O pimpolho mais novo da casa...

E eis ali catando bolinha por bolinha...

Nisso passa o padre rezando em latim e borrifando o ambiente justamente quando o guri estava debaixo da mesa...

O padre estranhou a cena, mas prosseguiu com as orações.

O garoto, atentado por natureza, não foi abençoado naquele

dia, pois, as gotículas da água benta caíram sobre a mesa.

O padre ficou pensativo na medida em que avançava e até pensou em voltar e jogar uma aguinha sobre aquele menino.

A benção tinha que valer para todos da casa, mas...

O garoto, além de olhar torto para o santo homem, estava sim é com raiva de catar tanta bolinha, aquilo tinha se espalhado e o próprio padre levou um pequeno escorregão ao pisar em cima de algumas...

Após o almoço, o doce caseiro, o padre se despediu e ainda olhou pensativo para o garoto que também tinha saído no portão e não se sentara à mesa.

O guri nunca foi chegado à Igreja.

Contava pilhéria nas missas e incomodava quem estava orando.

Um dia urinou na porta da Igreja e outra vez entrou na fila só para sentir o gosto da hóstia.

Detestou aquela massa de pão amassado...

Nunca fez catecismo.

Havia algo dentro dele que parecia adorar o deboche àquele culto.

Coisas de criança travessa, nem os pais davam conta...

O menino cresceu e se tornou um cidadão comum.

Mas continuou arredio à Igreja.

Uma vez foi padrinho de casamento e não sabia sequer o sinal do Pai Nosso mesmo depois de ter feito o curso...

O padre convenceu-se anos mais tarde: permitir que o guri ficasse debaixo da mesa na hora da benção caseira foi um erro, embora em outros dias em que esteve na mesma casa, ele entrava por uma porta e o garoto saía pela outra...

Ovelha desgarrada...

Quem sabe o guri não tivesse conserto mesmo...

Dizem que a dúvida salvou o bicho preguiça do estresse, esticou o pescoço da ema para enxergar cobra de longe e colocou pulgas atrás da orelha do homem.

Se Deus escreve certo por linhas tortas, há controvérsia: “pau que nasce torto não tem jeito não...”

O padre não teve culpa.

Entre dar atenção a um peste debaixo da mesa e se apressar para o almoço gostoso, não havia dúvida...



O Zé Pretinho

O Zé Pretinho por onde passava deixava a sua marca: sorriso sempre estampado e à espreita para fazer troça com o descuido alheio.

O Mundo podia estar se acabando em fogo que ele estava rindo. Ele morava em Terenos e morreu há alguns anos.

Lá naquela cidade tinha uma mercearia na rua principal e uma chácara aconchegante nos arredores.

Além de comerciante empiricamente era também encanador, eletricitista, veterinário, astrólogo, criador de vacas e outras coisas mais.

Dava suas cacetadas. Era pau pra toda obra.

Ele não estava nem aí pro racismo.

Quem se referia a uma pessoa como negrinho ele respondia ao pé da letra:

— E branquinho também...

Piadista nato, contava das mais ingênuas às mais cabeludas sem se importar com quem estivesse por perto.

Um dia ele veio a Dourados e visitou a mercearia do seu Hermes, um gaúcho ajeitado.

— O senhor sabe a piada da mulher do gaúcho?

— Não...

— Ela chegou ao banco e pediu para o gerente se podia acender uma vela lá dentro e o gerente quis saber a razão, dizendo que ela estava ficando doida e coisa e tal. O senhor sabe por que ela queria acender a

vela dentro do banco?

— Não...

— Porque o marido dela estava enterrado ali...

E desandou a rir...

O gaúcho também riu...

Meio contrariado, mas riu...

No seu comércio, em Terenos, chegou um forasteiro do Norte e lhe disse:

— Por que o senhor não vende suas coisas aqui e vai investir lá no Norte? Lá que o dinheiro está correndo...

— Mas aqui que o dinheiro anda devagar eu não consigo pegar, imagine se ele estiver correndo...

Ainda em Dourados, visitando uma velha amiga que reclamava das dores nas pernas ele recomendou:

— Eu não vou recomendar sebo de carneiro porque a senhora já é carneiro...

A mulher era da família Carneiro...

Na feira-livre quis comer um sobá, mas na barraca japonesa onde os atendentes eram brasileiros só chamava o rapaz por um nome japonês...

Não deu sossego pra ninguém...

Gente feliz é assim.



O Corcunda da Rua Bahia

As pessoas carregam diferentes pesos ao longo da vida.

A perturbação mental certamente é uma das piores.

O corcunda da Rua Bahia é um ser estranho.

Em silêncio absoluto na calçada, às vezes com caneca nas mãos, outras vezes sentado na mureta, indiferente ao *rush*, ao vento de agosto, à seca, aos transeuntes.

Aquele seu jeito diz algo, transmite uma mensagem ambígua e enigmática.

Tem um olhar assustador.

Ele grita por socorro?

Ele mora perto dali. Alguém certamente cuida dele.

Tarjas pretas aprisionam-no?

Qual é a sua perturbação?

Seus espíritos desejam aquilo, mostrar à sociedade ao vivo e em cores, em carne e osso, a fragilidade humana?

A tristeza ronda sua áurea.

Mas o que instiga é a cena, a presença dele na calçada de uma avenida movimentada. Ele aparecia sempre pela manhã.

Um ser em sofrimento.

Às vezes tinha-se a impressão de que ele ia sair correndo e pular na frente de algum veículo.

Mas parece não ter ânimo para tanto...

Mesmo de cabeça sempre baixa ele clama por algo.

Estaria pagando erros de outras vidas?

Estaria se purificando para uma próxima?

O nosso Quasímodo, talvez, seja um choque, um curto-circuito na consciência dos que o observam.

Ou estaria ali à espera de sua Esmeralda?

Ele alimenta a imaginação.

Talvez ele deseje a liberdade.

Quem sabe seja isto: um pouquinho da realidade da vida refletida naquela pessoa...

Faz tempo que não é mais visto no mesmo local.



Fuscachambó e trupe procuram o fio da meada

Eis o fuscachambó alongado no espreguiçador quando lhe chamam.

Era madame Lú.

— Bora procurar o fio da meada da história douradense?

O fusca pensou. Fio da meada da história? Que conversa maluca é essa?

Então vamos que vamos...

Ele chamou o Alimério, antenado nesses assuntos...

De brinde veio a Rafa com aquele olhar estampado de curiosidade.

— Eu adoro uma história! Tô dentro! Vamos ver onde isso vai dar...

Sem GPS. Mas como usar o GPS numa busca assim?

Tem-se apenas o foco de procurar onde isto aqui começou ou por onde teria começado.

Dizem gauchadas, mineiridades, paulistismos, coisas de índios, paraguaios e blá blá blá...

— Vamos à Cabeceira Alegre onde existia o campo de aviação...

Bom, o campo não existe mais. Nem se sabe onde ficava... Nem uma birutinha de lembrança...

— Por que a Cabeceira Alegre chama-se Cabeceira Alegre? — pergunta Alimério.

Ninguém sabia.

— Será porque aconteciam muitas festas por aqui? — chutou a inquieta Rafa...

Ninguém sabia.

— Ponto pra cegueira! — disse Alimério.

Atravessaram a Marcelino Pires em direção a Weimar Torres...

— Aqui eu sei. Essa rua se chamava Rua dos Velhacos, antiga Rio Grande do Sul — contou Alimério, já mostrando no tablet uma foto dos anos 50 na fanpage *Tudo sobre Dourados...* Velhaco porque quem devia no comércio da Marcelino só passava por aqui...

— Velhaco... Sei... Sei... Acho que continua atual em alguns trechos e não só nessa rua... — disse o fusca com seus parafusos em tom debochador...

Passando pelo centro Alimério se recordou do jornal *O Rolo* que teria sido criado pelo jornalista Caiado Neto e bancado pelo Dr. Lourenço...

A cada esquina uma informação interessante e reveladora, um novo esquecimento...

Mas como conciliar passado e presente, evitar que a água fervida desapareça?

A química para o equilíbrio, quem sabe, seria o registro em todos os seus quadrantes possíveis, imagináveis e inimagináveis.

No mínimo!

Mas não. Aqui se pratica o Humanitismo machadiano.

Aos vencedores as batatas! Aos derrotados a inanição!

Seguiram em direção à região da Fazenda Coqueiro lá pelos lados do Exército... O fusca ficou interessado não pela fazenda, mas pela história de que ali havia um alambique que fazia a Aguardente Coqueiro... Da pinga não sobrou nem o cheiro, nem o Zé Pinga e nem o

Colono da época...

Retornaram à cidade e foram ao centro onde existia o Clube Social na década de 50.

— Clube Social? Cadê? — perguntou Rafa.

Madame Lú indicou o prédio em construção há décadas sepultando o patrimônio antigo...

— Hummm!... Mais um tento pra cegueira! — apontou Alimério.

Esticaram o olhar para a praça e lembraram que essa mesma praça já se chamou João Pessoa e na esquina existia um ponto de charrete...

Mas hoje nem sinal...

— Ponto pra cegueira! — disse novamente Alimério rindo das conclusões ululantes...

Cine Ouro Verde? Cadê? Só em fotos na fanpage...

Eles começam a concluir que aqui virou terra de muitos cegos como no ensaio de Saramago e nisso o fusca engasga e prof! Parou! Travou!

Todos ficaram sem entender...

— Madame Lú só deu uma xícara de caracteres para o tanque...

Querem o quê? Acabou-se o combustível! — reclamou fusca-chambó.

Nada de encontrarem o fio da meada da história local...

Será que ela existe?

Esse quarteto nem tirou a ferrugem da fechadura do baú...

O passeio foi tão curtinho quanto à memória douradense...

Bom, deixa pra lá... Ninguém está mais vivo pra contar...

Madame Lú e Rafa atentas às cutucadas...



O afresco do Gil das Trevas

O Gil das Trevas deixou algumas marcas durante o tempo em que permaneceu em Dourados seja pintando para-choques de caminhões, placas de veículos, paredes ou quadros malucos onde esboçou a sua visão surrealista e interplanetária.

Sempre achou que um dia os discos voadores desceriam na Terra e seres cinematográficos sairiam às claras para provar que no Universo não existem apenas os terráqueos.

Ao mesmo tempo em que fazia essas viagens celestiais em seus quadros, sem nunca ter frequentado escola de Belas Artes e muito menos conhecido os autores famosos e suas técnicas, tinha a capacidade de desenhar afrescos com seus traços rústicos, simples, formando belas paisagens.

Um desses afrescos podia ser visto num bar no Quarto Plano onde os causos de pescadores o inspiraram a desenhar uma espécie de cachoeira que começava do lado de fora do prédio e terminava na parte interna — a paisagem também podia ser vista de forma inversa, mas a ligação entre uma e outra era inevitável.

Um novo proprietário cobriu a pintura com tinta comum.

A externa parecia uma miniatura, a de dentro, um rio caudaloso com a imagem de pescadores, um deles capturando um dourado, uma barraca, o cachorrinho Pupi — nome dado pelo próprio autor —

correndo atrás do macaco, castanheiras em pleno cerrado, montanhas, um crepúsculo e outros detalhes imaginados pelo Gil.

As pinturas foram feitas em 1999 e Gil trabalhou nelas entre dois a três dias entre uma folga e outra e uma dose de cachaça.

“Quando ele jogou a tinta na parede, eu achei que ia estragar toda a pintura que tinha sido feita”, comentou o antigo dono.

“(…) Conteí umas histórias de pescadores para ele e como aqui vêm muitos pescadores, ele se inspirou nisso (...)”.

Dizem que há trabalhos idênticos perdidos em outros cantos da cidade, mas é uma obra popular, marginal, desconhecida, nascida a partir da visão empírica dos fatos e da vida, não encontra reconhecimento devido.

Gil era talentoso. Pintava com desenvoltura o que lhe vinha à mente.

Contam que Gil morreu em Rondônia há algum tempo, ainda jovem, talvez com 40 anos, pouco menos ou pouco mais.

Disseram também que essa notícia era mentirosa.

Como ele era um aventureiro, vivia viajando pelo País afora de carona, ganhando dinheiro pintando um e outro para-choque de caminhão ou então fazendo afrescos em troca de algum dinheiro, comida e bebida.

Outro quadro dele foi pintado em cima de um compensado. Era o desenho de um vale visto, segundo ele, num sonho esquisito, com uma Lua e respingos que pareciam o satélite em choro decadente. Cenário de outro planeta, coisa de filmes de ficção.

A ação do tempo danificou a pintura em júbilo dodivanas.



A visita do governador

No dia anterior o jovem articulador político ocupando uma função pública separou a melhor camisa, uma amarelinha com listras, uma calça social, fez a barba e se preparou com esmero para a recepção.

As visitas do governador acabam virando verdadeira moagem política, reunindo autoridades, simpatizantes, imprensa e bajuladores.

É também oportunidade para conversar com o pessoal da Capital, trocar ideias e marcar presença.

O jovem não queria perder a ocasião para aparecer, ser visto e trocar impressões sobre diversos assuntos, mesmo porque representa uma agremiação partidária alinhada ao grupo do governador. O poder realmente agrega, cisca para dentro, muito embora na casa onde mora muita gente acabe faltando pão para alguém e a partilha sempre é desfavorável para os mais fracos.

Nesse meio, sobrevivem os fortes e espertos que manipulam os fracos e ingênuos.

Machado de Assis nos apresentou o Humanitismo em *Quincas Borba* quando Rubião, amigo e herdeiro do filósofo maluco Quincas Borba, cuja obrigação, após receber a fortuna, era apenas cuidar do cão do falecido, acabou ficando na miséria depois de ser iludido e explorado por Sofia e Cristiano.

O lado negro da democracia e da sociedade que muitos insis-

tem em ignorar.

Pois bem.

O jovem caprichou, passou a habitual brilhantina para manter o cabelo meio ondulado bem comportado, sem o risco de se rebelar por causa do vento e chegou à repartição na manhã seguinte preparado para o evento.

Afinal, não é todo dia que o governador e seu *staff* de sapatos lustrosos aportam no interior.

Não apenas esse precavido e simpático jovem, mas outras pessoas fizeram praticamente o mesmo.

As mulheres foram ao salão referendar o lado vaidoso.

A maioria dos que de alguma forma ia trabalhar ou recepcionar o governador, deu um toque especial no visual.

O jovem político logo pela manhã foi abordado por um brincalhão:

— Você está bonito hoje! Por que essa pinta toda?

— O governador vem aí... A maior autoridade do Estado merece ser bem recebida, ver a gente bem vestida, o visual às vezes fala mais do que muitas palavras! — filosofou.

A manhã mal tinha começado e a expectativa era geral no órgão público.

O cerimonial pronto, as equipes de reportagens, o veículo oficial limpinho para transportar o visitante especial, o pelotão de polícia de prontidão, enfim, o aparato no jeito.

Entregar obras ajuda a melhorar a popularidade, o administrador tem a obrigação de mostrar o alcance do seu trabalho e a sua força de realização e solução dos problemas estruturais.

O jovem político ali, ciscando para um lado e para o outro, impaciente para o momento do clímax...

Nem se importou com o tempo.

O dia amanheceu chuvoso e o pessoal da Capital logo telefonou avisando: o governador cancelou a agenda por causa do mau tempo.

A notícia rapidamente saiu nas rádios e sites.

Alguns pontos de entrega estavam barrocos...

O jovem político, talvez, deve ter se sentido igual noiva abandonada no altar.

Pelo menos ele fez a parte dele, se programou e ficou elegante.

Os imprevistos acontecem.

Quando a visita for remarçada, com certeza ele vai repetir o ritual.

Ele não desiste tão facilmente do seu jeito de ser.



A peita

Enquanto a emissora, orgulhosamente verde e amarela, tocou músicas e hinos patrióticos durante a Semana da Pátria os ratos correram às ruas.

A questão da peita andou e anda incomodando-os.

Murídeos queriam saber, sem olhar o próprio rabo, sobre a banda podre.

Rabudo, rato-preto, rato-pardo, toró, o do paiol, ratazana e outros que pregavam sociedade menos hipócrita se reuniram para saber quem era o vilão do meio, quem era o mais safado...

Alguém roía covardemente a corda, espalhava futricas...

O mangusto e o tuco-tuco abriram a pauta.

O rato-dos-faraós esbravejou:

— Gente, quer dizer, ratos! Não pode ser! Nós decidimos se unir e dividir o espaço do porão. Até dias atrás tinha queijo e sobra de comida para todos e todas, mas alguém está roubando a gente, quer dizer, a rataiada...

O rato-de-pentes:

— Tem desonestamente safado no meio... Precisamos descobrir esse rato gatuno!

O zunzum começou.

Líderes e liderados se mostraram confusos, sem saber para onde ir, uns foram para a esquerda, outros para a direita, alguns para o centro e muitos ficaram como baratas tontas...

Reféns da incerteza, da dúvida, com medo do gato.

Eles pirateavam a casa de um velho gagá sem compostura que já tinha aprontado muitas coisas erradas na vida e estava se acabando ali, sozinho entre os seus...

Tanto que não se importava com a presença dos ratos.

— Que se dane tudo — costumava berrar.

Os ratos, portanto, tinham achado o seu Canaã.

O velho revoltou-se quando apareceram titicas no copo de água com a sua perereca. Podiam cuspir no prato que comiam, mas no copo com a perereca não! Aí já estavam abusando demais...

Tomou providências.

Ele era um rato adulto de duas pernas...

Num belo dia aparece o camundongo com olhar solícito para um tête-à-tête com o velho...

Conversaram, então, a língua dos ratos.

O velho prometeu vida boa para o camundongo se ele entregasse quem tinha feito titica no seu copo d'água com a perereca.

A estratégia foi espalhar o desentendimento na ninhada.

O conflito passou para a briga de nervos, pancadaria e daí a coisa virou tumulto e baderna, Torre de Babel. Quem já viu briga de ratos não fica perto... Entraram em pânico, se esconderam em outros buracos esperando as coisas se acalmarem.

Se na terra de cego quem tem um olho é Rei, na terra de ratos quem não é safado ainda está por nascer...

No final da estória, os ratos descobriram a origem das intrigas e traições, mas o algoz já estava longe, muito longe acumulando calorias com seu queijo jamanta.

Já não estava bom o resto de comida e de queijo nos pratos?

Quem mandou fazerem titica na perereca do velho?

Entre a ficção e a realidade, pode haver uma grande semelhança.

Os ratos, na verdade, podem estar mais perto do que se imagina.



América

Com toda a certeza a maioria de quem viu em 2005 a telenovela *América* desconhece o livro homônimo de Monteiro Lobato editado pela primeira vez em 1932.

Na obra, Lobato, como adido em Nova Iorque, revive o personagem *Mr. Stang* percorrendo os EUA, mostrando a pujança daquele País e tecendo comparações na busca de soluções que pudessem ser úteis para o Brasil.

Naquele tempo, Lobato ainda não tinha desistido de escrever para os adultos, mas divulgava as ideias que, com nova roupagem, foram ditas na novela.

Poucos leram o livro, mas a novela seduziu milhões...

Quase nada se cria. Tudo se copia.

A ciência da Literatura Comparada está aí para discutir isso, assim como outros estudos acadêmicos mostrando a semelhança e a influência de escritores sobre outros escritores.

Será por isso que o seu Gomes da telenovela vivia passando sermão no garoto Farinha e perguntando:

— Copiou, Farinha?

Quem sabe?

A obra de Lobato evidentemente tem outras características e a telenovela trouxe em seu conteúdo o emaranhado de relações, amores difíceis, suspenses, situações não resolvidas, injustiças, a crueldade, o pitoresco e a maluquice daqueles que tentam cruzar o deserto

atrás de uma vida melhor sem se importar com riscos e consequências, mas a semente da ideia nunca deveria ter sido esquecida.

Lobato, em *América*, dizia que o Brasil precisava desenvolver a indústria do ferro e do aço — que só veio com a Segunda Guerra como uma das condições feitas pelo Brasil aos EUA para entrar no conflito — perfurar poços de petróleo e investir na pesquisa, na educação, na qualidade do ser humano.

Em seu livro, ele conta que nos EUA é chique, digno e honroso uma família rica doar dinheiro para universidades ou instituições filantrópicas, enquanto aqui no Brasil os escândalos políticos mostram o tamanho da roubalheira que se faz no centro do poder político.

A *América* desenhou um sonho de esperança, as aventuras e a coragem dos peões de rodeio, a insatisfação entre ricos e pobres, a dura diferença imposta pela cegueira, a cleptomania, o tráfico dos escravos e de drogas, enquanto o Brasil se afunda na desesperança e na decepção em relação às suas autoridades, neutralizando-as e nivelando-as porque ficou difícil separar o joio do trigo.

Talvez a nova *América* seja apenas mais um Silva.

Uma antropofagia pós-moderna.



Um ermitão no Jabá Fé\$t

O aprendiz de ermitão aterrissou no dia 21 de maio de 2005 no Parque de Exposições e, acostumado à tranquilidade do rancho e ao barulho paradisíaco da pequena cachoeira, acabou levando um choque cultural/risonho no Jabá Fé\$t.

Escancarou a rir que ficou com dor na protuberância abdominal, ou como se diz lá no sítio, no pé da barriga mesmo; travou a mandíbula de tanto gargalhar e quase precisou de uma plástica porque a boca, sempre fechada, não queria voltar ao normal. Perdeu a flexibilidade...

Valeu a pena à diversão, embora tenha saído de lá com os bolsos vazios e a cachola espumando cerveja.

Aí entendeu melhor porque chamam essa moagem toda de Jabá Fé\$t...

Dizem que a vida é a arte da imitação, mas quando adentrou ao recinto o Jeca do Teretetê e seu séquito e os imitadores improvisaram uma fala no cara a cara, o aprendiz de ermitão ficou pensando como deve se sentir um gaúcho ou um português quando se vê provocado com uma piada de mau gosto...

O Jeca, murtinhense, notoriamente vermelho por natureza e opção política, naquele dia ficou ainda mais rubro... O homem do “teretetê” tem seus defeitos e suas vergonhas como todos os mortais, mas, naquele dia, ele entrou para a história como o mais caboclo, o mais folclórico, o que mais gracejos renderam os sovacos de cobra...

Outros talvez não aceitassem a mesma brincadeira assim, no tête-à-tête, embora as demais vítimas também não possam fazer nada além de encarar a armação com bom humor e paciência...

A imitação e a criatividade nunca andaram, por estas bandas, tão juntas como selo em Sedex...

Esses artistas imitadores têm realmente costas largas, pois, conseguem se esquivar de processos com uma facilidade tremenda em uma terra conservadora, tradicionalista, aonde se admite poucos gracejos e a questão da liberdade de expressão é vista com restrição.

Por causa disso é que o aprendiz de ermitão se esconde nas metáforas, subjetividades, buracos e labirintos de Borges...

Embora, em posição Alfa, se dê ao luxo de ignorar a própria realidade...

Essa história de fazer jabá na versão humorística fez com que o cheiro da apetitosa iguaria transcendesse o ambiente do desagravo e da cozinha, se espalhasse pela sala, quartos, pelo quintal, pelas mentes, narizes, pelos palácios, bocas, orifícios e consciências alheias e alcançasse o folclore e o dito popular, transformando-se em arte e em remédio, senão milagroso, pelo menos paliativo para os paladares amargos...

Como se não bastasse o festival de macaquices na terra do “Imitar tudo Pode, Ficar Zangado Não Pode”, os shows artísticos foram uma porção à parte.

Os imitadores provaram a máxima segundo a qual não é preciso se ter medo de fazer aquilo que se gosta e se tem vontade, mesmo que esse dom seja zoar a cabeça alheia como um ataque de piolhos tresloucados...

Se rir é o melhor remédio, eles fizeram um serviço de utilidade pública...

O aprendiz de ermitão adorou a palhaçada porque ele também se sente, muitas vezes, um palhaço sem público...



Gabiruzada

Os petistas locais encontraram uma maneira bem apimentada para se identificarem nos bastidores. Costumam se chamar de gabiru.

“Ô seu gabiru!”, diziam pelos corredores da prefeitura para quem quisesse ouvir, onde a “gabiruzada” tinha tomado de conta.

Há o “gabiru pidão”, o “gabiru mexilão”, o “xiitão”, o “chaatão”, o “barnabezão”, o “eruditão” e é lógico, o “meu irimão”.

Eles fazem balbúrdia por conta dessa brincadeira.

Segundo o Aurélio, gabiru é: “indivíduo desajeitado”, “rato-preto”, “rato-pardo”, “rato-de-paiol”.

Provavelmente eles não olharam o dicionário e continuaram chamando os companheiros de forma nada convencional.

Esse proselitismo se espalhou, em nível local, a partir de uma reportagem publicada na *Folha de S.Paulo*, no início da década de 80, mostrando o “Homem Gabiru”, narrando àqueles cidadãos subnutridos que viviam do lixão do Nordeste.

Além da estatura pequena tinham baixo Q.I. — no sentido orgânico e fisiológico, é evidente, por conta da própria condição subumana.

Os gabirus remanescentes são fortes, viçosos, esbanjam saúde, gostam de um bom queijo.

Os do baixo clero nem se importavam se o termo é pejorativo ou não.

A expressão se tornou trivial e generalizada, embora ultima-

mente esteja em desuso por conta do partido em baixa no âmbito local.

É a política em constante mutação de cores, estilos e modos, progredindo e regredindo como fole.

Pensando bem, eles que eram tantos no início dos anos 2000 quase não existem mais em 2015...

Foram para outras tocas?



Carta a um corrupto

Prezado corrupto (prezado uma ova! Banana pro cel!).

Onde estiver, lembre-se o elementar: dinheiro não é tudo nesta vida. Enquanto você e sua corja surrupiam cofres públicos, burlam o fisco e usam um monte de subterfúgios para se safar da cadeia, nem é preciso lembrar que por conta dessa roubalheira os problemas triviais estão cada vez piores.

De tão corriqueiros tornaram-se clichês tristes.

Talvez nem Deus, com infinita misericórdia, tenha piedade da sua alma.

A sua alma deve ser eterna penumbra. Ponto cego.

Vale uma adaptação drummondiana: o corrupto municipal discute com o estadual qual deles é capaz de ganhar do federal e este tira ouro do nariz!

Há muito tempo a corrupção destrói mentes, corações e sonhos.

Talvez tenha nascido com o homem.

Mas isso não elimina as esperanças. Muito pelo contrário.

Felizmente há gente de bem, honesta, com vergonha na cara para se opor a esse mar de lama.

Sabe corrupto, dinheiro facilita coisas, traz conforto redobrado, oferece tempo para luxúria e para se brincar de semideus, ter sexo à vontade, mas a vida realmente se molda e se incorpora é em atitudes, gestos, ações positivas, simplicidade, pensamentos nobres, fé contínua e não em vulgaridades.

O homem, imperfeito por natureza, comete erros, a tentação pode ser grande, mas o corrupto profissional é, diga-se de passagem, perfeitamente imperfeito por excelência.

Parece que a corrupção atingiu seu clímax porque atualmente só se fala nela.

Mas ela vem de longe, de muito longe.

Vem de onde Judas perdeu as botas.

Talvez o corrupto-leitor se faça de ouvidos moucos, fuja desta carta, direcione a retina para outro rumo e ache estas palavras mero desabafo ou mais um idiota dizendo o óbvio e o incabível.

A intenção não é arremessar coleiras e sim atingir o âmago.

A leitura é um caminho rápido para a consciência e para o íntimo, portanto, corrupto-leitor, você agora sentirá mais forte uma névoa de culpa.

Tornar-se refém da culpa é pior que vender a alma porque onde você for ela estará presente, sempre incomodando e cobrando. Falar que você não tem consciência é conversa para boi dormir. Tem sim é sede demente pelo dinheiro, poder, querer mandar a todo custo, pisando sobre a transparência, a sinceridade, e acha que tudo se resume à fartura enquanto desintegra enfim a igualdade de valores sociais, capitais e culturais.

Por falar em boi, cabe reprisar: quanto mais se conhece o homem, mais admiráveis se tornam os animais irracionais!

Aliás, um dos espaços incorruptível é do rodeio.

Não adianta o peão conversar na orelha do animal para ser menos feroz.

São oito segundos e, se não aguentar, pimba!

A punição do corrupto deveria ser mais do que a cadeia.

Deveria ser pegar touro pelos chifres, urutu cruzeiro pelo rabo

e onça com um saquinho de risadas!

Se oportunidade faz o ladrão e para se conhecer um homem basta-lhe dar dinheiro, o corrupto é então doutorado.

Enquanto o homem pensa grandemente em retornar à Lua e a ciência elabora o maior código genético da história, você, corrupto, vive como fênix, mas miséria escorre como caldo de vulcão em erupção e mais cedo ou mais tarde ele vai te tragar com sua lava.

Para finalizar: o corrupto pode escapar de um raio ou da polícia, mas não escapa do acerto de contas que se faz a sete palmos.

Lá, os ratos e os vermes gostam mais dos seus semelhantes.

Outra coisa importante: eleitor que vota em corrupto também é corrupto!



O livro quase mesto

Era uma vez um livro que nasceu vermelhinho.

Desde pequenino causou certo desconforto.

Apesar de ter sido elaborado com muito carinho, amor, pesquisa, critério e cientificidade ele parece que nasceu para ser esquecido.

Abriu uma clareira, mas nem assim agradou.

O padrinho abandonou-o, não lhe deu importância, embora tenha agradado a crítica.

O apoio professoral em vez de ser visto como um incentivo alçou, para surpresa, um não.

— O que será que acontece comigo? — se perguntava.

Aí o tempo passou, os dias e noites cobriram as dúvidas que se tornaram em dúvidas maiores ainda.

— Amo-os e eles me retribuem com sofrimento... — lamentava-se

Mas o sangue é mais grosso do que a água.

O livro se perguntava:

— Que amor incompreendido... Iludido... Será mesmo a vingança a mais fatídica das causas?

O livro se olhava no espelho e via o perdão.

Decidiu continuar o jogo.

Então surgiu a chance de uma nova aparição e disseram a ele que precisava conversar com outras pessoas em busca de alternativas.

Conversou bastante.

Teve apoio dos amigos na fase inicial, mas isso não foi suficiente.

Talvez tenha pecado pelo ruído na comunicação...

As cartas estavam postas.

Era ganhar ou perder.

O livro só ficou sabendo das histórias que o povo conta.

Enigmático, ele decifrou códigos, construiu verdades, sustentou virtudes, resgatou fatos esquecidos, mas mesmo a aparição ainda estava difícil e se conseguisse seria restrita.

O livro vermelhinho ficou quase meste.

Ele já ouviu, à boca pequena, os motivos do seu abandono, mas não sabe ao certo se a inveja, o insano, o irracional, a presunção e a falta de ouro se sobrepuseram.

Ele só sabe as histórias que o povo conta.

O livro vermelhinho refez a estratégia.

E finalmente conseguiu a sua tão esperada aparição, não com o mesmo glamour.

Deu um filho seu de presente para o então padrinho que se assustou com a cria inesperada

Estava desfeita a tristeza.

Ele venceu, na teimosia, a batalha.

Aqueles que torceram contra tiveram que engolir o feito a seco.

O que Deus faz o demo não destrói!



O anão

Um jovem PM contou, de maneira extrovertida, a detenção de 48 pessoas suspeitas de envolvimento em delitos.

Parecia roubo de bicicletas, receptação, magrelas trocadas por drogas, essas coisas que a crônica policial vive noticiando a rodo.

Até aí uma história comum se não fosse o jeitinho brasileiro: eles enfiaram aqueles 48 suspeitos dentro de um camburão e algumas bicicletas encontradas na cena do flagrante no melhor estilo lata de sardinha!

Acredite quem quiser.

Pior: um dos PMs deu um chute na bunda do anão que não cabia na viatura dizendo:

— Vai embora daqui seu safado!

O que ele não sabia é que justamente esse anão era o chefe da quadrilha!

Essa cena por si revela a notória precariedade da estrutura policial e como essa força consegue fazer coisas incríveis.

O anão sumiu do mapa.

Esses PMs se superaram...



Ervalina

Ervalina postou-se em frente àquela estátua gigante do Ervateiro na Marcelino Pires (transferida para outro lugar) e ficou matutando em meio a uma mascada e outra de chiclete.

É isso aí o motivo de tanto disse-que-disse dos últimos dias, com uns falando que a estátua está incompleta e outros que não há nada de errado?

Santa ociosidade...

Certo ou errado, a verdade é que aquela cara não é nada bonita, chega a ser assustadora, parecendo mais uma carranca para espantar os maus espíritos e os maus olhados, isso sim, além de fazer criança malvada correr de medo...

Ela já tinha passado pela estátua de Getúlio Vargas (também tirada do lugar original) e ficou curiosa com o ar de alegria, com aquele sorriso, com aquele charuto e com aquele olhar de alguém que está de bem com a vida...

Pensando assim pode-se concluir que o Céu realmente deve ser um paraíso se é que Getúlio foi fazer novas revoluções por aquelas bandas, pois, dizem que quem se suicida fica com o espírito vagando por aí...

Cruzes!

Cadê um pedaço de madeira para os três coquinhos?

Depois, ela passou pelo monumento de Antônio João e achou que o artista quis tirar um sarro no tenente deixando-o naquela posi-

ção meio efeminada, mesmo sabendo que a intenção foi congelar a imagem de quando o herói recebia os tiros.

Ou será mesmo que ele tinha dupla identidade?

Os livros não falam nada de jocoso a esse respeito...

Uma guinada à direita e aquele imponente ervateiro, um símbolo pra lá de controvertido e engraçado.

Eralina acha que não há nada de errado com o homenzarrão de argila e concreto armado.

Pudera.

Ela nunca viu um de verdade e se visse ia fazer de conta que não vira, pois, uma moça prendada não deve ficar olhando para qualquer um...

De uma coisa ela tem absoluta certeza: não vão fazer com ele o que fizeram com as capivaras...

Dourados fica até mais charmosa e irreverente com essas estátuas, afinal, uma cidade sem monumentos é como pipoca sem sal, ou seja, fica insossa.

Por todas as cidades onde ela passou as estátuas estavam presentes, homenageando um e outro herói, algum político famoso e nos Estados Unidos, num certo bairro, fizeram até uma estátua para um cachorrinho que acordou os moradores de madrugada quando os homens da companhia de energia chegaram para trocar as luminárias e descaracterizar o detalhe histórico do lugar.

Se o Ervateiro está incompleto, Eralina concorda.

Deveriam colocar um piercing em seu nariz, uma tatuagem no peito, óculos escuros e até um brinquinho nas orelhas, os hippies que ficam pertinho dali iam gostar...

Ou melhor: até mesmo uma boina tipo a do Che Guevara...

Os petistas iam adorar.

Ervalina fica pensando mais um pouco: espera aí! Se esse aí é o ervateiro e o nome dela é Ervalina eles seriam então parentes?

Será que a querida vovozinha também tinha que carregar erva nas costas?

Erva cabeça de negro ou dessas amargas que a turma bebe a rodo por aí?

Seus pais nunca falaram nada a respeito...

Ervalina parou de ficar colocando caraminholas na cabecinha, mesmo porque isso não tinha nada a ver.

Ela ficou com dó do homem ter que levar tanto peso nas costas e achou que ele deveria ser um preguiçoso.

Sim porque se fosse trabalhador mesmo faria diversas viagens carregando menos peso e não estaria tentando dar uma de formiga para ficar mais tempo à toa...

Já que criaram um precedente ela vai mandar uma cartinha lá pra diretora de cultura pedindo para se fazer uma estátua também do índio com palito no beijo, uma do gaúcho a caráter, outra do mineiro dançando catira, do paulista comendo pão com carne, do nordestino com a sanfona do Gonzaga, do paraguaio tomando tereré, arrê!

De todo mundo dessa miscelânea cultural douradense!

Ah! Não pode faltar a da ervateira porque o ervateiro tem esposa, não tem? É claro que ele tem. Imagine um homem forte daquele sem uma mulher para alimentá-lo e cuidar das suas coisas...

Mas é maldade quando dizem que ele é o Frankenstein douradense ou a semelhança do João Grandão...

É um monte de concreto com traços e recortes do Cilsão tentando lembrar muita coisa esquecida, só isso.

Repensou: só isso, nesse caso, é pouco ou muito?

— Ah! Essas dúvidas que vivem me perseguindo...

Ah! Se fizessem uma estátua do seu cachorrinho bambambã ela ia adorar.

É o cãozinho mais barulhento e chato da rua...

Você mesma Ervalina, pensou de novo.

Não saberia nada desses homens se não fosse o monumento.

Será que tem espaço também para se fazer uma réplica do Rolo e da Tina, sim, aqueles personagens moderninhos do Maurício de Souza?

Eles são uma gracinha e lembram a galera dos embalos de sábado à noite daqui e os tipos esquisitos que andam soltos por aí...

Eervalina ri sozinha e acha que está querendo demais.

Oras...

Não custa imaginar diabruras e coisas impossíveis só para atazanar ainda mais o pessoal da Funced que adora uma crítica, adora mais um “zica” torrando seus miolos...

O Ervateiro vai servir de tema para o Mané, com sua sanfoniinha, fazer mais uma modinha daquelas que só ele sabe inventar...

Eervalina pensa: para de ficar olhando para a estátua e vai embora, vão pensar que você está ficando maluca se ficar postada aqui por muito tempo...

Pelo menos, de agora em diante, todas as vezes que ela passar pelo centro vai esticar um olhar novo para o Ervateiro tentando entender algo mais que até agora ela ainda não entendeu direito.

Afinal a vida também é a arte da observação e até que o Ervateiro tem lá um toque de simpatia e robustez.

Será que ele era grande daquele jeito em vida?

Olha o tamanho da cabeça, das mãos, do peito, dos pés...

Deixa de bobagem menina...



As comissões...

Esta teria acontecido numa Prefeitura da região.

O prefeito estava tão atarefado e envolto com documentos que estava fechado para o mundo.

Entra a secretária meio repentinamente:

- Prefeito! Tem uma comissão aí pro senhor..
- Manda depositar na conta...

A secretária corrige:

- Mas o senhor não entendeu. É uma comissão de pessoas!
- Então diz que eu não estou!



O dedo em riste

O servidor estava concentrado ao telefone colhendo dados para um relatório.

Entra a assessora afobada perguntando algo que o servidor obviamente não podia prestar atenção porque ou ele fazia uma coisa ou fazia outra.

O subordinado então mostra o dedo em riste pra a assessora como se estivesse dizendo: “oras, não está vendo que eu estou ocupado”.

A assessora não gostou muito, mas entendeu o recado e caiu fora.

Logo atrás aparece o prefeito.

Vê o fulano e o cumprimenta:

— Oi, tudo bem?

O servidor que continuava ao telefone com o dedo em riste congelado porque ainda nem tinha dado tempo para desfazer o gesto obscuro acena para o prefeito com o dedo daquele mesmo jeito...

O prefeito olhou, fechou o semblante e saiu pisando duro.

O servidor sentiu um frio na barriga, empalideceu, vermelhou e até perdeu o fio da meada da conversa ao telefone...

O prefeito, aparentemente, encarou aquilo como um fato sem explicação.

De fato sem explicação, mas o servidor foi depois pedir desculpas.

Tentar explicar o inexplicável e, por sorte, o prefeito não mandou ele lavar o banheiro...

Passou um cagaço dos grandes...



O motorista invisível

Em meados de 1969 o ex-prefeito Totó Câmara compra o primeiro carrão da Prefeitura: uma Veraneio, um primor, o veículo mais bonito da cidade segundo contaram.

Um carrão.

Quem contou trabalhava diretamente com Totó que usava um jeep porque as ruas eram de terra.

Cezar Luchezzi era um benemérito. Doou a área do clube de campo dos nipônicos e da Vila Popular.

O filho do Garcia Neto, presidente da empresa de habitação, veio a Dourados para ver o terreno doado para a Vila Popular.

O ilustre visitante era para ser levado na Veraneio, mas por algum motivo acabou sendo levado pelo próprio Totó no jeep.

Esse servidor estava doidinho para dar uma voltinha no carrão novo guardado na casa do Totó — alvo de duras críticas por parte do radialista opositor.

Na casa do Totó, as filhas do prefeito pedem para dar uma volta na Veraneio.

O servidor não pensou duas vezes.

Afinal, ninguém ia ficar sabendo.

E saem para aquele passeio gostoso.

O motorista se dirigiu justamente para os lados do Indaiá sem saber da agenda do prefeito...

Na volta avista o Totó com o visitante e sente um frio na barriga...

Não como desviar...

Teve que pensar rápido.

Ele pediu para que as filhas do prefeito se escondessem e ele também se abaixou e passou a pouca distância do prefeito.

Pareceu que o carro não tinha ninguém...

No dia seguinte Totó chama-o no gabinete e ele já imaginou o que era.

Mas o prefeito, matreiro, jogou primeiro o verde:

— Fulano... Acho que eu preciso ir ao médico... Ontem eu vi a Veraneio passando sozinha na rua, sem motorista... Será que estou ficando louco?

O servidor não teve outra saída:

— Fui eu prefeito que tava dirigindo o carro e me agachei...

Tratou de ir saindo de fininho do gabinete...



Chamem o orangotango!

Aviso aos navegantes: qualquer semelhança não é mera coincidência.

É pura fantasia mesmo.

O circo está armado.

O á-bê-cê está em plenária para lavar a roupa suja e definir um melhor sistema de valores em seu meio, pois, letras brigam com palavras e o seu mundo está virando terra de ninguém.

A gramática também foi convocada porque enfrenta uma situação idêntica. Entre as suas classes é o pronome querendo mandar nos artigos; o substantivo tentando sobrepor-se ao adjetivo porque acha que sem ele o outro não existe; o verbo anda emburrado com o advérbio; o numeral está com o olho gordo demais; a preposição indisposta e as conjunções e interjeições estão encontrando um jeito para se tornarem flexíveis.

Está virando uma bagunça.

Não estão aceitando mais os conselhos de ninguém.

O povo que se dane e encontre outro vernáculo, pois, seus líderes já banalizaram tudo mesmo e criaram muitos modismos sem pedir licença dentro da casa da coisa correta.

A letra “c” está fazendo campanha porque se considera com mais voto, ou seja, palavras dentro dos minidicionários, seguida de perto pelo “a”.

Depois vêm outras fortes também como o “p”, o “d”, o “m”, o

“e” e o “s”.

Mas elas se esquecem que uma sem a outra se tornam sem significado.

Mas como são egoístas, extrapolam nos xingamentos e as que têm menos palavras estão na retaguarda para ver o que vai sobrar.

A “c” montou em seu cavalo e assediou a “e” com sua espada e chamaram todos os demais para a briga.

Dizem ser o cavalo de São Jorge com sua espada enfrentando o dragão na Lua.

Espada dura e afiada, não vale aquela dos jardins.

O “p” já sentiu que pode ganhar a parada e como é a mais boca suja do pedaço, está condenando a panelinha, dizendo que as principais adversárias são uma peste, perversas, promíscuas, preguiçosas, podres e vão ver a ponte cair e o papelão que vão fazer.

A seu favor se diz positiva e política, com a diplomacia de um padre.

Mas existe o terceiro grupo, o quarto e pode até surgir o quinto.

Estão endoidando a cabeça do Faraco Moura e do Sacconi e colocando o estudo de Georges Gusdoff no lixo.

Se a diferença entre os animais e o homem é ínfima, faltando apenas aos primeiros à fala, então o mundo pode mesmo virar de cabeça para baixo.

Se quem tem um olho é rei na terra de cego, quem é mudo vai ser sacerdote na ilha das palavras e letras que não se entendem.

Está prestes a ser reeditada a Torre de Babel do pós-modernismo.

Para o humilde e curioso Israel Pacheco, para quem a palavra só é retumbante se falada com veracidade, letra maldita é o “p”.

— A gente fala o “p” o dia inteiro — comentou.

“Dizer que a fala fornece a chave para a entrada no mundo humano é levantar o problema e não resolvê-lo”, observa Gusdoff.

Se o homem é soberano por ter o dom da palavra e dominar sua invenção, então seus tempos de glória podem estar acabando...

Enquanto não se resolver à diferença entre letras, palavras e classes gramaticais e o homem usá-las corretamente e com dignidade, a tormenta vai virar dilúvio.

Talvez seja verdade que o rádio, a invenção que mais emana palavras por minuto, vai anunciar o fim do Mundo.

Do jeito que a coisa vai é melhor entregar o comando para o orangotango. Pelo menos dele se sabem os sons, as reações e não tem rabo!

As letras e as palavras se voltaram agora contra este pobre e confuso autor. Acha que ele está falando demais.

Chamaram o ponto final.



José Psicosedin

— Mãe! Por que vocês me deram um nome tão estranho com este: Psicosedin? Todo mundo fica tirando sarro na minha cara...

— Meu filho, deixa de bobeira, não dê ouvidos a esses tolos... Você precisa entender uma coisa... Quando eu e o seu pai nos conhecemos nós éramos muito loucos... Diga a esses idiotas que seu nome é homenagem aos deuses da loucura...

Que mãe doidona, né?

Mas Psicosedin continuava contrariado:

— Mas mãe! Sinto-me um bobo...

— Meu querido clordiazepóxido...

— O quê? Que palavrão é esse?

— Meu filho, escute bem. Quando eu e o seu pai éramos jovens a gente era prafrentex... Era muito tesão!

— Vixi Maria...

— Ah! Você é uma criança inteligente... Vá curtir... Alôoo! Pássaro que voa sem asas, entende? Vou dizer mais uma coisa: você é um bálsamo contra a ansiedade, você é o espírito da paz...

O guri tinha desistido da conversa...

Não entendia patavina.

Na sala de aula a professora fazia a chamada por números.

Mas sempre tinha o engraçadinho:

— Onde teus pais acharam esse nome? Eles vieram de outro

planeta, hein?

Psicosedin cresceu traumatizado.

Mais tarde, adulto, chegou a trocar o nome por José para dar um basta às gozações.

Era aluno aplicado.

Formou-se em Química, virou cientista.

Descobriu uma nova fórmula para sintomas extracurriculares e achou oportuno batizá-la de Psicosedin.

Aí sim.

Parece nome de fármaco.

Mas o fantasma reapareceu: passaram a chamá-lo de José Psicosedin!



A face utópica de um balanço

Ele preferia os dias de calor porque as crianças se divertiam bastante e assim o tempo passava alegremente.

A satisfação, na frígida e gélida condição ferrosa, era ver os pimpolhos bem à vontade, balançando, balançando...

O seu pequeno dono chegava a ficar em pé na cadeira arriscado um salto mais ousado.

Vinha-lhe à mente Virgílio em *Eneida*: “A sorte favorece os destemidos”.

E a dura realidade: um belo tombo seguido de um baita choro...

O garoto gostava de conversar com seus brinquedos em seu mundo de criança.

O balanço ouvia.

Para o menino o balanço era o seu gafanhoto.

— Gafanhoto, você viu?... O Felipe balançou alto e se esborrachou no chão!... Ele por pouco não caiu de barriga... — rindo da peraltice. Da última vez que fiz essa loucura quase quebrei o nariz...

Com o garoto balançando num ritmo gostoso e manso o gafanhoto era todo ouvidos.

Quando lá dentro da casa a bronca sobrava para o menino era no balanço que ele ia se consolar:

— A minha mãe está brava comigo porque as minhas notas no colégio não estão boas... Ela diz que estou respondão e me demorando no computador com jogos e conversas bobas, que isso é desperdício.

cio de tempo e não me leva a bom lugar. Mas ser livre é poder fazer o que eu bem entendo, não é gafanhoto?

Os dois ficavam a guisa, à mercê do devaneio.

Passavam alguns minutos, o garoto voltava a falar:

— Sabe... Eu queria ser igual você. Sem pai, sem mãe... Aí eu ia só ficar brincando... Sem ter que tomar banho, ir pra escola, livre e solto...

O balanço concluía: é difícil admitir as coisas como elas são.

E falava com as suas ferrugens: um garoto, cheio de vida, um lar, com todo tipo de brinquedo querendo ser ferro como eu? Será que ele sabe que logo eu vou virar sucata? Será que ele não percebe que estou preso ao chão, fico solitário nas noites, que eu não sou nada? Ah! Se eu falasse a língua dos homens lhe diria como é bom ser criança quando se tem proteção e se é amado...

O garoto se cansava de conversar sozinho com seu gafanhoto e ia se divertir com outra coisa.

O primeiro divã começa no balanço das ideias.

Nunca se sabe quantos mais surgirão pela frente...



Deus! Olhe por nós...

Tem jeito de começar tudo de novo?

Deus deveria repensar sua obra maravilhosa.

Em primeiro lugar seria necessário arrumar uma esposa pra Ele saber como é o matrimônio.

E dar mais do que uma costela de Adão pra elas.

E reduzir outras coisas como a TPM, a língua afiada e o pau de macarrão.

Será que elas querem se vingar de nós?

Olha, não é fácil...

Mulher objeto, procriadora, cozinheira e lavadeira.

Sinônimos idiotas.

Feminismo e machismo.

Oposições explosivas!

Mas nós temos que pagar o pato?

Homem tolo não valoriza a mulher.

Homem inteligente sempre é gentil e carinhoso com elas mesmo quando elas estão naqueles dias...

Homem inteligente abre mão do sexo quando ela não quer.

Consola-se com a masturbação ou a boneca inflável.

E ajudam na tarefa de cuidar da casa sem reclamar.

Deus deveria, então, fazer aquele cursinho inútil e cansativo exigido pela Igreja Católica, casar-se e dividir sua árdua tarefa de cuidar de um Mundo tão complicado, esquisito e desigual.

Assim não seria mais somente o homem a ter a palavra lá no Céu.

Uma deusa ajudaria a melhorar a vida das mulheres aqui na Terra...

Mas teria que ser uma deusa com poderes...

E dali algum tempo que viessem um novo Jesus Cristo ou uma nova Maria Madalena ou quantos desejassem...

Procriassem e povoassem aquelas veredas celestiais...

Talvez só assim para se mudar algo neste Mundo e quem sabe no outro.

Um novo laboratório humano poderia ser concebido na Terra.

Mas Deus não quer isso.

Quem pariu Mateus que se exploda! — deve pensar.

Ele já deve ter visto muita confusão entre homens e mulheres e certamente não deseja levar essas encrencas para o seu reino.

Ele é sabido. Quer paz.

Talvez ache melhor não ter prazer e se manter celibatário.

Todo esse desarranjo por causa da Eva, uma serpente besta e uma maçã?

Enquanto isso a dona Maria aqui na Terra trabalha de Sol a Sol lavando roupa para se sustentar...

E quando o marido chega ao final da tarde cansado e faminto por um arroz quentinho vai encontrar sim é um arroz frio e queimado e a mulher revoltada com a vida dura e com as varizes...

Deus! Tenha piedade de nós!

Viver em meio a uma sociedade tão injusta, chata e com tanta TPM é dantesco demais.

Por favor! Alivie a tensão delas!

A vida a dois não é só renúncia, tolerância e paciência.

Lógico que a gentileza e o amor continuam sendo a principal estratégia, mas bem que o Senhor poderia ajudar mais ou pouquinho, pelo menos mais um pouquinho para que os homens não sejam meros sacos de pancada nas mãos delas...



A formiguinha preguiçosa

Era uma vez uma formiguinha preguiçosa.

Enquanto as operárias trabalhavam e carregavam coisas bem acima do seu peso, ela via tudo. Observava e bocejava:

— Ai! Que preguiça! — sim, igual ao *Macunaíma*!

Ela tinha acabado de ler o livro naqueles dias...

A rainha, com tantos filhotes para cuidar, nem se importava com a ovelha negra e deixava-a quieta em seu canto. Nem tudo podia ser perfeito. As formigas também são imperfeitas.

Uma tem antenas. Outra tem chifres...

Além disso, já havia soldados, sargentos, tenentes, majores e coronéis demais...

A formiguinha preguiçosa quando tinha fome pegava um naco de açúcar e se esbaldava. Estava tudo ali, fácil.

Ela desejava ser igual estrela porque queria olhar as coisas de cima pra baixo e não de baixo pra cima.

Não entendia como à noite o Sol virava Lua; como as nuvens negras traziam chuva; como o vento era irmão do frio.

Nenhuma outra formiga pensava nisso.

Queria compreender porque formiga trabalha tanto, de dia e de noite, sob Sol ou chuva e nunca tinha salário e mordomia.

Como não entendia e ninguém explicava, pois, o único livro do formigueiro era o *Macunaíma*, ela se acabava na preguiça.

A sua fama de preguiçosa se espalhou e serviu até de escudo

porque o tamanduá cortava volta.

Tinha medo de comer no formigueiro da formiga preguiçosa e ficar preguiçoso também, com a língua mole e morrer de fome.

Mas a formiguinha preguiçosa não nasceu preguiçosa.

Ela nasceu sem vontade nenhuma e depois ficou preguiçosa.

— Trabalhar? Eu? Ai que preguiça...

O seu único sonho era virar estrela, mas tinha preguiça só de pensar como faria isso.

Um dia ela adormeceu e ficou com preguiça de acordar.

Morreu de uma morte bem lenta.

O seu espírito teve preguiça de ir pro Céu ou pro inferno.

Ficou por aqui mesmo...

* * *

Essa fábula pode não ter a menor graça.

Mas você é um leit@r de sorte.

Se tivesse sido contagiado pelo espírito da preguiça não teria chegado até o final.

Parabéns!



Alguém quer um puxa-saco?

Assim como a tiririca o puxa-saco pode ser encontrado em todo lugar. É como piolho em texto, diria Lobato.

A bajulação está na essência humana, embora uns sejam mais puxa-sacos do que outros.

Alguém já observou bem um sujeito assim?

No trabalho ele elogia o chefe, a barba bem feita, o cabelo bacana, pergunta pela família e por aí vai...

Até lustram o sapato do patrão.

Destacam-se facilmente.

Até parece que tem carimbo na testa.

Mas, justiça seja feita.

Não confundir esse comportamento com gentileza.

O puxa-saco não raramente tem segundas intenções e espírito maquiavélico.

É forte candidato a puxador de tapetes no trabalho e disseminador de intriga.

Pior é que tem patrão que se seduz pela conversa mole, embora qualquer modelo sério de gestão tenha critérios bem definidos para a ascensão funcional.

Mas o bajulador sempre é cara de pau.

Não deu certo uma tacada ele parte pra outra.

Vira vício. Igual pinga.

Os ricos são os mais assediados.

Também pudera: assediar pobre pra quê?
O puxa-saco não quer só a amizade.
É uma versão de sapo gosmento.
Portanto, dependendo do ponto de vista jurídico, é assédio.
Tem bajulador que enche demais o saco!
É também uma versão de carrapato de duas pernas.
Que atire a primeira pedra quem nunca teve um por perto!
Os bajuladores podem ser classificados:
Há os incorrigíveis.
Há os ridículos.
Há os eficientes.
Há os cansativos.
Há os doentios.
Há os que se dão bem na vida.
Há os que viram motivo de chacota.
Há os que viram chefe e passam o bastão para que o subordinado puxe o saco dele...



Quem tem medo da CPI?

— Professor! E o pé vai bem?

No bar perto de casa quase todos são ponta firme e quase todos sofrem com o ácido úrico.

O balcão se transforma numa choradeira só e receita-se de chapéu de couro a suco de beterraba com limão para reduzir o ácido úrico que deixa o pé inchado e provoca uma dor dos diabos.

Mas como eles transformam a dor em piada criaram a CPI, ou seja, o Clube do Pé Inchado para a troca de informações e lamentações.

Essa síndrome de cristais de urato de sódio é uma conversa difícil de ser engolida.

Como se não bastasse à esposa na cola tem essas enzimas alfineatóides.

A CPI, na Câmara, é para investigar ou fazer de conta que investiga possíveis irregularidades.

No bar ela se reúne para dizer que para aliviar o dito cujo ácido é preciso monitorar a alimentação, ou melhor, fechar a boca.

— Quer dizer então que ela entra pela boca? — perguntaram em tom de gozação.

Ele não deixa de ter razão.

Vísceras devem ser evitadas, assim como o feijão, carne de porco, pururuca e a cerveja que é rica em purinas.

Feijoada nem pensar. Distância da boa vida.

Estão querendo impor uma vida de minhoca para aqueles bêbados incorrigíveis.

O médico recomenda a dieta e quanto à bebida a abstinência total.

Do contrário a taxa de ácido úrico nunca vai baixar.

Não há Zyloric ou Arcoxia que aliviem!

O grupo então ébrio se une para sofrer junto e chorar a mesma amargura, fazendo a antítese do AA.

Alguns membros radicalizam e desejam encontrar uma maneira de combater essas enzimas produzidas pela mucosa intestinal e pelo fígado.

Falaram a palavra duvidosa: fígado? Cadê?

Sejam bem-vindos os comuns de ácido úrico à CPI.

Além da cerveja gelada e da pururuca lá sempre tem um pé inchado de plantão.



A Goreti

Os garotos do basquete têm algo em comum: a Goreti.

Ela é companheira de todos e como o espírito do grupo é solidário, um por todos e todos por um, um dia ela está com fulano, amanhã com sicrano e assim vai sendo feito o rodízio...

Tempos pós-modernos.

A rapaziada não se importa em dividi-la, muito pelo contrário.

Nenhuma outra do grupo conseguiu ganhar um nome de família elegante e simpático. Forte, robusta, cunhada em lavra firme, põe para trás as patricinhas...

Enquanto os rapazes realizam os treinos, ela fica ali no cantinho da quadra pacientemente ora acompanhada, ora sozinha, aguardando o final para ouvir comentários saborosos e cheios de vantagens do tipo: “Ah! Eu fiz 20 pontos!”, “Você viu aquele arremesso? Massa né? Decisivo... Matamos a pau”...

Conversa sadia entre jovens atletas...

Ouve sobre as paqueras, as namoradas, os assovios para a gatinha que vai passando, sobre o tênis de marca, sobre um beijinho roubado...

Ela se mantém em absoluto silêncio! Dizer o quê? Saber as fofocas já tá bom...

Na realidade não sei direito se o nome dela é Goreti ou Gorete ou se é com “th”.

Gorete, segundo o tio Aurélio, é um peixe da costa atlântica bra-

sileira.

Ela não é um peixe. Mas é um peixão!

Fiquemos então com “ti”.

A Goreti tem aparecido mais vezes lá em casa.

Os garotos do basquete trocam de coisas entre si com um desprendimento inspirador. O que tem mais compartilha com o que tem menos. Num dia um usa o tênis do outro, o que ficou com o tênis empresta o short para o companheiro e assim pratica-se uma troca bonita de se ver porque não alimenta, ainda bem, o egoísmo.

Ela, a Goreti, não se importa. Ela é de ninguém e é de todos ao mesmo tempo.

Esses dias perguntei ao Júnior a origem do nome. Ele respondeu que foi durante uma disputa, uma corrida, coisa assim...

Cheguei a contribuir para a compra de um simbólico adereço para ela. Ouvi o comentário do compadre Filó sobre um tio dele, morador na linha 25, cortador de erva-mate que um dia apareceu em casa com uma Goreti.

Surpreendeu a todos. Era um luxo.

A maioria das pessoas certamente já teve uma Goreti.

Dias de garoto, dias felizes e espontâneos cheios de sonhos livres do piolho capitalista que contamina a vida adulta...

A Goreti está bem cuidada. Usam, mas zelam bem dela como se fosse uma joia e ela é mesmo uma joia. Patrimônio do grupo.

Não há nada de mal nessa forte amizade. Não há devassidão.

Os garotos não correm o risco, pelo menos nessa relação, de arder no mármore do inferno.

Explico: Goreti é o nome da bicicleta velha, mas boa como ela só!



O sapato que deixou o homem descalço

Copiando Rubem Braga: “Se me perguntarem com quem foi, digo que não sei, se me perguntarem onde foi, direi com o habitual cinismo que não sei”.

O cidadão saiu para se divertir na sexta-feira à noite e vestiu a domingueira e os sapatos Amadini, de couro, usado só para momentos especiais.

Peão usa sapatos bonitos só de vez em quando.

Ele tinha comprado aqueles sapatos caros há dois anos e ainda estava novinho em folha, um brinco. Quase não os usava.

Mas, naquela noite, ele sentiu algo estranho ao andar, algo mais macio e confortável, como se o solado tivesse amortecedores.

De repente sentiu um dos pés torto.

Olhou para o solado e uma parte tinha se soltado e por onde passou se via um rastro de borracha...

O solado de um dos pés esfarelou-se e o outro começava a desmanchar!

Restou apenas o couro.

Entre o pé e o chão frio ficou só a meia.

Deu um jeito de sair de fininho e foi embora descalço, apenas com a parte de cima e ali não tinha como esperar algum sapato de defunto...

Cena desconcertante e cômica.

Na segunda-feira cedinho ligou para a loja para se queixar.

Já tinha passado o prazo de validade, sabia que não poderia ter outro par em troca, mas pelo menos quis registrar a reclamação.

A vendedora disse que outros clientes relataram o mesmo problema e que os sapatos de hoje em dia são assim, ou seja, uma porcaria.

A qualidade do solado é inferior e é preciso usar os sapatos e não guardá-los apenas para ocasiões especiais como no tempo de outrora.

Tem que usar.

Senão ele desmancha.

A vendedora ainda disse:

— Ou você acaba com os sapatos ou eles se acabam sozinhos!

Dias desses ficou sabendo de uma colega uma situação parecida.

Quebrou o salto alto de um dos pés.

Com raiva, já em casa, jogou o celular no chão.

Aí ele perguntou:

— Mas o que o celular tem a ver com o sapato?

— Pois é! Não sei...



Pequena trovoada

Deleito-me com uma boa piada.

Lugar bom pra se ouvir piada é o bar.

A criatividade se supera.

A crise alimenta a veia cômica.

Tem aquela dos pescadores:

— Compadre, eu consegui pescar um lambari de um metro...

— O outro retruca:

— Pois é compadre, lá na minha seva eu pesquei uma lamparina acesa...

— Então vamos fazer o seguinte: eu diminuo o tamanho do meu lambari e você apaga a luz da sua lamparina...

Tem a outra do pescador que dormiu com a vara na água.

O companheiro, dado a fazer arte, pega o anzol e fiska-o no rabo de um tatu e o bicho sai correndo mato afora e o pescador desperta com o puxão...

— Eu não disse! Este é o terceiro tatu que eu pesco neste poço...

Eu conto na cidade e ninguém acredita!

Dos paraguaios:

— Você sabe qual a diferença entre o relógio do Brasil e o do Paraguai?

— Não...

— O brasileiro faz tic-tac o do Paraguai faz ea-ea...

Os dois bêbados brigam e um deles puxa a faca.

— Agora vamos ver! E aponta a lâmina para o desafeto...

O desafeto saca o revólver:

— Mais um passo à frente e eu prego fogo...

— E pra traz pode?

O pescador lá de São Paulo fez amizade com um índio daqui e todas as vezes que queria vir pescar ligava pro índio:

— Como está o clima? Tá bom para pescar?

O índio respondia ora que estava bom, ora que estava ruim.

Certo dia telefona novamente e o índio se mostrou hesitante, dizendo que não sabia se ia chover ou não.

— Mas como você não sabe?

— Acabou a pilha do radinho...

As galinhas dos sem-terra ficam perdidas com esse entra e sai nas fazendas...

Quando pinta a polícia elas já ficam com os pés juntos para serem amarrados...

Dois bêbados fizeram um pacto.

Quando um morresse, o parceiro deveria beber pelo falecido.

E assim aconteceu.

Um dia o amigo morreu.

O outro todo dia passava no bar e pedia uma dose pra ele e pro falecido até que um dia, mesmo doente, apareceu no bar:

— Coloca uma dose aí...

O dono do bar estranhou e perguntou:

— Você não vai beber pelo seu amigo?

Não, esta aqui é pra ele mesmo porque eu parei de beber...



O senhor ninguém

O senhor ninguém pode ser qualquer mendigo perambulando pelas ruas.

Sempre há alguns deles pela cidade dependendo da caridade alheia por mais que e o serviço social tente encaminhá-los para o abrigo provisório onde podem tomar banho, se alimentarem, ficarem alguns dias e depois ganham uma passagem para irem embora.

Ou seja, que vá vadiar em outra cidade...

Poucos são os que se habilitam a um emprego pela própria fragilidade emocional e física.

A maior parte das pessoas corta volta deles com medo de uma agressão ou porque tem aversão mesmo ao feio, ao horrendo, ao patinho feio.

Gente com medo de gente...

Aquela cara acabada.

O nome não importa mais.

O passado menos ainda.

O futuro? Talvez...

Dizem que estar mendigo é um estado de espírito, incapacidade para reagir e ir à luta.

Mas pode ser sem-vergonhice e costume.

Ou então um trauma forte.

Não é nenhuma novidade dizer que a maior parte deles se acaba na cachaça.

Privados do mínimo de conforto.

Farrapos humanos...

Vagabundo.

Até parece que ali não existe um ser humano.

Todo mundo tem direito a um lugar ao Sol, mas a sombra pertence aos espertos...

Cada um carrega uma cruz, não há felicidade plena.

O senhor ninguém devolve o seu desprezo à sociedade na sua forma de ser e se expressar e exerce essa comunicação sem se dar conta do que isso significa.

Mais um viajante no trem dos errantes.

Nem todos eles se deixam ajudar.

Aproveitam o momento para suprir a necessidade imediata e esperam o tempo passar e a necessidade chegar novamente.

Silenciosos, enigmáticos, subnutridos e doentes.

Desesperançados.

Abandonados ao próprio e confuso eu, à loucura.

Acostumam-se ao desdém.

Quem não se sensibiliza com o sofrimento alheio ainda não acordou para a realidade deste Mundo.

Os mortos falam e não mentem, ao contrário dos vivos que sempre mentem.



Para-brisa apaixonado

O amor é paz.

A paixão incendeia o coração.

Mas então o que dizer do para-brisa apaixonado?

Teve uma pessoa que circulava na cidade com esta frase estampada no para-brisa traseiro: “Eu amo a minha esposa”.

Chocante...

Queria reatar a relação?

Ou fazer sexo animalesco?

Um para-brisa apaixonado pode ser também um romance quente entre dois vidros temperados e resistentes que, por ironia, podem virar caquinhos numa crise conjugal...

É um manifesto.

Dourados é berço de vanguardeiros.

Os marqueteiros locais já pintaram o sete, mas essa do para-brisa apaixonado se superou.

Há loucuras de amor, é verdade.

Quem sabe essa seja uma delas...

Mas que esse cidadão é corajoso nem se discute...

Espera-se que o amor dessa pessoa dure pra sempre.



O Varti e a galinha

O Varti tem uma galinha.

Mas a galinha não é dele.

É da vizinha.

A galinha pulou o muro e não quis mais sair da casa dele onde ela cisca à vontade.

Ele joga a galinha pro lado de lá e ela volta pro lado de cá.

A galinha do Varti conquistou até o cachorro bravo.

Outra galinha que também pulava o muro o cachorro quebrou a asa e ele deve ter ficado com dó.

Por isso não mexe com essa segunda.

Cocoricó está dando trabalho.

Varti colocou uma tábua no muro pra ela voltar pra casa, mas ela não quer.

O Varti tá preocupado.

A vizinha pode achar que ele roubou a galinha.

Mas o fato da galinha gostar tanto do quintal do Varti pode ter uma explicação.

Ela gosta de dormir em cima de uma chapa de aço, dessas de fazer lanche, que fica na varanda.

Até botou ovo em cima.

Galinha esquisita. Acha que a chapa é seu ninho.

Quando ela vê a porta da cozinha aberta ela corre pro quarto e

se esconde debaixo da cama.

Galinha esquisita mesmo.

Além do milho podem estar dando outra coisa pra ela comer.

Às vezes se esconde debaixo do armário da cozinha sem cacarejar.

O Varti que de bobo não tem nada já comeu um ovo dela.

Ela tem um ritual: cacareja das 9h às 11h e bota um ovo fresquinho pro almoço.

O primeiro ovo que ela botou quebrou.

O segundo caiu e lambuzou o chão.

O terceiro o Varti comeu.

Mas o Varti tem dúvida: deixar ou não a galinha da vizinha ficar?

Parece até que a vizinha não se incomoda com a fujona.

A galinha se apaixonou pelos olhos verdes do Varti ou então pelo bigode.

Teve uma vez que ela cacarejou em volta dele sentado numa cadeira de fios e até parecia assédio.

Pelo sim, pelo não, o Varti devolveu em mãos a galinha pra vizinha.

Agora ele sente falta dela.



Cartinha de criança

Querido Papai Noel.
Adescurpa aí o jeito. Não sabo iscrevi direito.
A professora diz que ganha pouco pra fica aprendendo a genti.
Os colega aqui vive dizendo que ocê é migué, não existi.
Mas eu creio no cê.
Não quero brinquedo não...
Quero que o senho puxe as oreias dos meus pais.
Eles andam muito brigão e eu fico sem sabê o que fazê.
Mamãe chora, papai fica bravo e sobra preu.
Eles não tem paciência comigo.
Fala pra eles para de briga.
E que ancim por quarque coisa eles bate neu também.
Levo parmada na bunda e eles quê arranca minha oreia.
Ancim num dá.
A minha oreia parece oreia de abano.
O cachorrinho meu fugiu pra rua e eu apanhei.
A conta do telefone veio alta e eu apanhei.
Eu quebrei o copo e apanhei.
Bebi tudo o refri e apanhei.
Quando eles começam a briga eu vô pra longi.
E quando chega visita eles faz de conta que tá tudo certo.
Eu apanho e num posso nem chora.
A vida tá dura preu.

Ancim num dá.

Eles num gosta mais deu?

Tiau.

Feliz Natal pro senhô porque pra mim num sei se vai se bom
não...



O jogo do bicho

O jogo do bicho agora é informatizado.

Quem não sabe usar a máquina ficou chupando o dedo. E tem jogo três vezes por dia.

O Mané Carteiro não deu conta do recado. Pulou fora.

Mas a moagem continua a mesma.

O preguiçoso dorme toda a hora pra ver se sonha com o bicho da vez.

Tem interpretação de todo jeito. Cada uma mais idiota que a outra e não é que às vezes dá certo?

Dias desses o João apareceu com o carro de outro Estado e apostou na placa com os números da besta do apocalipse e ganhou R\$ 800!

Mas quem brinca mesmo com o sonho nessas horas são os espíritos zombeteiros. Sei não. Pode ser que eles estejam na folha do bicheiro.

Os zombeteiros fazem muita troça. Eles bagunçam a imaginação dos apostadores. Águia vira carneiro, elefante aparece voando, vaca rastejando como cobra, cobra correndo como avestruz, macaco rezando missa, burro com fardão, veado pintado de tigre, jacaré com asas de borboleta, galo montado num porco, águia conversando na orelha do cachorro, cabra e carneiro fazendo um self, pavão no lombo do urso...

Se sonhar com abóbora azul dá o quê?

Com a sogra?

Trocando pneu no deserto e o urubu voando em cima?

Uma mesa farta para quem está de regime?

Perneta vendo o touro furioso correndo em sua direção?

Apostar na sorte tem dessas coisas.

O fato é que, no final das contas, mesmo sendo um jogo de azar tem gente sortuda lavando a égua e enchendo a burra.



Questão de gosto não se discute

Aquela manhã estava tão bonita, inspiradora...

O Sol latejante e os passarinhos em festa nas árvores que protegem a sede da fazenda.

O patrão, deitado na rede, já tinha tomado a decisão que achava correta, justa. Ia doar pro velho peão, seu fiel capataz que dedicou a vida inteira na fazenda, um pedaço da terra nos fundos da propriedade.

O seu Hermínio não tinha o que reclamar..

O velho peão, portanto, merecia ser reconhecido pela confiança e dedicação. Estava em vias de se aposentar e mesmo aposentado, o patrão desejava mantê-lo por perto porque gostava do jeito dele, das prosas mansas e agradáveis, de trocar experiências, além dos dois sempre terem se dado muito bem.

O peão, mais que o patrão, tinha apego à vida bucólica.

Para o “seu” Hermínio aquilo era um negócio.

Pensou então em destinar uma área pro Ramón perto do riacho onde poderia construir uma nova casa.

Desmembraria o terreno e faria a documentação.

O Ramón não precisaria mais trabalhar na fazenda, pois, tinham outros peões para a lida pesada, mas o patrão queria que ele continuasse cuidando das coisas, pois, um peão desastrado dá muito prejuízo.

Quem não gostaria de ganhar um lote de terra boa e ainda assim perto do riacho pra pescar?

Chamou então o Ramón para lhe dar a notícia.

— Ramón, sabe, está chegando o tempo de você se aposentar e eu gostaria de presenteá-lo com algo de valor em consideração ao longo tempo que estamos juntos...

— Que isso seu Hermínio, num careci não. Os miós anos de minha vida passei aqui... Tive meus guris, vi essa invernada cresce inté perde de vista... O sinhô sempre foi bom comigo... Sempre me amparou nas horas difíceis...

— Não, deixa de ser humilde homem... Vou doar um bom pedaço de terra lá nos fundos da fazenda pro cê... Mas se quiser o equivalente em dinheiro ou em gado é só escolhê...

Ramón pensou um pouco. Fitou aquele horizonte verde e disse:

— Sabe patrão, eu num quero essas coisas de valor não... Adespois quando eu e minha véia morrê os fios vão ficá brigando pur causa de pedaço de terra... Quero sim ficá aqui memo na fazenda, si o sinhô deixa, eu fico só oiando e cuidando... Sabe patrão, se o sinhô quer fazê gosto meu, eu tenho vontade memo é de cume na churrascaria que tem lá na beira da estrada, perto da cidade, cheia de carne de tudo jeito, maminha, picanha, linguiça de porco... Pareci tão bom e gostoso...

— Mas, só isso? Você está certo disso Ramón? Não quer um tempo para pensar melhor?

— Não careci. Essas coisas a gente não tem que pensa muito, sinão a tentação fica infernizando as ideia da genti e eu num gosto de purga atrás da oreia não...

— Se você prefere assim, amanhã mesmo vamos lá na churrascaria, mas de qualquer jeito vou dar um tempo para você...

— O sinhô querendo assim tá bom...

O patrão então levou o capataz para a melhor churrascaria da cidade e depois daquela comilança ele pegou um palito e começou a palitar os dentes com a mão em forma de concha...

O empregado, com a pança cheia se manteve acanhado durante o tempo todo porque o lugar era chique pra ele.

Sentia-se um estranho no ninho, pois, em mais de 30 anos tinha ido pouquíssimas vezes na cidade.

Repetiu o gesto do patrão. Apanhou um palito e fez a mesma posição com a palma da mão em forma de conchinha em frente da boca...

No caminho de volta à fazenda, o patrão quis saber:

— Então, Ramón, gostou da churrascada, está satisfeito?

— Tava boa demais seu Hermínio. Nunca comi tanto. Mas me adesculpe a pergunta. Eu num entendi uma coisa. Afiar de conta porque adespois daquela refeição mir de boa à gente tem que come o palitinho que num tem gostio de nada?

O patrão não se conteve e soltou uma bela gargalhada...



A nossa Emília

Um dia apareceu uma gatinha.

Pequenina, frágil, muito frágil, miando forte.

Talvez fosse fome, dor de barriga, saudade da mãe, sabe-se lá...

Demos leitinho e cafuné e ela ficou.

De pronto a chamamos de Emília pensando naquela personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo...

Ela foi ficando, se acomodando, crescendo e os dias passando.

A gatinha ficou formosa como Iracema dos lábios de mel, a jovem índia tabajara...

Arranha travesseiros, tapetes e gente também...

Pula pra lá e pra cá e passeia pelos muros, quintais floridos e à noite, no telhado, costuma miar pra a Lua, a deusa Jaci, e as estrelas como se estivesse no maior lero-lero...

Mia forte como o estrondo de um trovão...

Entra pelos ouvidos, atravessa veias e o coração, contorna o cérebro, corre alma adentro e sai pela pontinha de baixo do dedão do pé levando embora todo chulé...

Brincalhona, manhosa, marota e tristonha às vezes porque ninguém é de ferro...

Talvez ela guarde o segredo de Jurema como no livro de Alencar...

Todos não poupam carinho, ainda mais quando Emília fica rosnando e se esfregando pelas canelas e se tremendo toda...

É a gatinha Emília!

Ah! Aconteceu um milagre: ela aprendeu a falar como gente!

Seria presente de Tupã para ela, só ela? Quem sabe...

Agora ela pergunta de tudo.

Por que isto? Por que aquilo? Uma dúvida sem fim...

Ai de nós!

Ainda bem que ela não é uma gatinha qualquer...

É a nossa Emília, fofinha...

Pode perguntar à vontade...

O que a gente souber a gente responde, o que não souber a gente
mia...



O cachorro perdido

O Rosinha tentava há dias falar com o secretário de Fazenda para pedir a liberação de um pagamento atrasado.

A recepcionista repetia:

— O secretário não está...

No outro dia:

— Está despachando... Está ocupado...

E assim foi até que o secretário perdeu o cachorrinho de estimação e colocou um anúncio no jornal oferecendo recompensa.

O Rosinha enxergou a oportunidade.

Pegou um vira-lata e foi até o gabinete do secretário.

Disse à recepcionista:

— Achei o totó fujão do patrão...

A moça entra no gabinete para dar a boa notícia e o secretário aparece ansioso e se depara com o sujeito e um cão que nunca tinha visto...

— Mas esse não é o meu cachorro!...

— Ah não é? Mas não tem problema... Será que o senhor pode liberar o meu pagamento? Eu tô duro, liso e lesado... Tá faltando coisas lá em casa...

Finalmente o Rosinha pode pegar o tão esperado cheque na tesouraria...



Futebol com terra

Nos idos dos anos 50, durante um jogo entre Operário e Ubiratan, o Operário perdia por 2 a 1.

O campo era de chão batido e com os jogadores correndo de um lado para o outro levantava-se uma nuvem de poeira e os jogadores não conseguiam enxergar direito os lances e nem onde a bola estava rolando...

Num lance decisivo o beque central ia dar uma cabeçada que poderia resultar no terceiro gol do Ubiratan quando então um jogador bem esperto jogou terra na cara do zagueiro...

Naquele momento esse jogador ainda conseguiu reverter o lance a favor do Operário e marcou o segundo gol para delírio da galera operariana...

Pronto: estava garantido o empate e uma baita confusão!

O tempo fechou dentro do campo.

Empurrões, insultos e a turma do deixa-disso tentando evitar uma briga generalizada...

Todo mundo viu o lance da terra nos olhos, mas o Mundo não é dos espertos?



Rapadura com banana

Na pequena Dourados de antigamente todos se conheciam.
Quando se sabia de uma festa todos iam, convidados ou não.
Um pioneiro tinha programado uma festa de batizado, coisa só para a família e poucos amigos.

Mas um foi falando pro outro e a notícia se espalhou.

O dono da casa vendo toda aquela gente chegando começou a ficar preocupado porque a carne não era suficiente.

Mas, astuto, orientou para que atrasassem o churrasco...

Papo vem, papo vai, quando as pessoas já estavam morrendo de fome ele pegou rapaduras e um cacho de bananas...

— Podem comer à vontade porque a carne ainda vai demorar...

No final, a carne que era pouca, acabou sobrando.

Ninguém pode reclamar que a festa não tinha sido um doce...



Pra ti, leitor.

Em respeito ao leit@r comunico a decisão de deixar, temporariamente, de escrever novas crônicas semanais. Isso pode não ter nenhuma importância para muitos e ser visto como desnecessário, mas para mim é fundamental dar uma satisfação até por questão de lealdade.

O leitor está assim para mim como o pão está para a manteiga.

Durante alguns meses meus devaneios devem ter contribuído para alguma coisa. Seria mais fácil remover uma montanha do que entender o resultado. Talvez só o tempo possa dizer algo.

Espero, pelo menos, ter sido útil porque escrever com pendore literário é sério e árduo. Quanto mais fácil, divertido e interessante para o leit@r, mais difícil para o escritor.

Quando se rebusca a alma, o vago âmago da efervescência de ideias e sentimentos e se tenta juntar a tudo isso uma pitada de humor, um céu de estrelas se coloca à frente provando-o, testando-o, provocando-o, embelezando-o e às vezes devorando-o.

Sempre há uma pontinha de dúvida sobre tudo e todos.

Escrever é transpiração, mas um pequeno detalhe saltando lá do fundo, não se sabe ao certo de onde, faz diferença.

É o voo da borboleta.

Manoel de Barros, para quem tudo que se cria é verdadeiro, disse algo assim: “se uma pessoa ler meus poemas já me dou por satisfeito”

Essas coisas de rebuscar o íntimo e atribuir valores a partir daquilo que se ouve e vê coloca-me em ligeira transparência e enracada.

Nunca se sabe ao certo o efeito e a aceitação ou não.

Como disse, a dúvida sempre me acompanha, querendo ou não.

Ao lado da solidão, ela se torna parceira inseparável.

Ative-me a aspectos urbanos, mas na verdade nunca desgrudei os olhos do mato.

Não sei ao certo, mas o mato, a terra, as árvores, os córregos, o barulho dos ventos, os sons dos pássaros, as formigas, os lugares ermos proporcionam-me fascínio.

Parece querendo dizer algo e não consigo entender.

Muitas das ideias surgiram nas conversas entre amigos, aliás, eles são prestativa fonte de pesquisa e reflexões.

A angústia e o sofrimento podem ser vistos pelo relógio: agora são 5h e desde 4h reluto tentando a melhor maneira de me despedir.

Gostaria de expressar gratidão.

Pode parecer um clichê, mas eu nunca fui bom para despedidas. Aliás, na verdade, não sei ao certo até hoje se sou bom em alguma coisa, pois, são tantas frustrações... Talvez tenha valia nas ingenuidades da vida, embora me sinta atraído pelo roçar das palavras e suas intertextualidades e metalinguagens.

A escrita é um eterno aprendizado e prefiro ser lembrado pela tentativa de sempre escrever do que por qualquer outra coisa.

As palavras expressam de forma mais legítima o modo de ser.

Eu não dormiria tranquilo se não externasse esse agradecimento.

Há poucos, por aqui, exercendo a veia literária. Não é por falta de talentos. Mas essa atividade não leva pão pra casa.

Isso é lamentável e triste.

Se a teimosia persistir, corre-se o risco de morrer de fome.

Até breve!

Até algum dia em qualquer livraria ou nas esquinas da vida.

